

Coisas nossas

*Reflexões em torno da
Educação Especial*

Editado no Dia Internacional das
Pessoas com Deficiência de 2017

Coisas nossas

*Reflexões em torno da
Educação Especial*

Edição do Departamento de Educação Especial do
Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano,
de Santarém, no Dia Internacional das Pessoas
com Deficiência de 2017

Departamento de Educação Especial do Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano.

Santarém – Portugal

Capa Gerd Altman, fotografia disponibilizada ao abrigo da licença Creative Commons - CC0 Public Domain, em <http://pixabay.com>

Projeto gráfico Sílvia Canha e Paulo Nunes

Fotografias Paulo Nunes

Revisão Rui Lopes

Edição Dezembro de 2017



Atribuição – Uso Não-Comercial – Proibição de Realização de Obras Derivadas

Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano
Quinta do Mergulhão - Senhora da Guia
2005-075 Santarém
Portugal
<http://www.ae-alexandreherculano.pt>

Esta obra pode ser descarregada partir de <http://goo.gl/QFqseY>

Agradecimentos

Desejamos agradecer a disponibilidade de todos os que gentilmente contribuíram para a elaboração desta obra, sem os quais não seria possível materializá-la.

Esta obra não seria possível sem a entusiástica adesão dos autores dos textos e dos trabalhos gráficos que a compõem, assim como da disponibilidade para se fazerem representar através de uma fotografia que enriquece e permite dar rosto aos autores.

De forma talvez menos visível, mas igualmente importante, estiveram envolvidos neste projeto colegas que fizeram a revisão do texto, elaboraram materiais para a divulgação inicial da obra e contribuíram com sugestões pertinentes para a sua concepção.

Índice

O naturalista	15
Um sopro na minha vida.....	17
O sentir... de uma terapeuta ocupacional	19
Percurso Especial	23
Uma grande caminhada. “Bem-vindos à...”	25
Alegrias...e tristezas!!!!	29
Um solidário	33
Que desafio! Que gratificante!.....	35
TALVEZ! Talvez...entre o SIM e o NÃO vá mesmo uma infinidade de respostas.....	37
Solidariedade e a criança	43
Os amigos são todos iguais	47
E se eu conseguir.....	49
Contexto Colaborativo - Metodologias Inclusivas	53
Educação especial, uma missão... ..	57
Memórias da minha vida profissional.....	59
Educação Especial... O essencial é invisível para os olhos	63
Aqui estou eu... ..	67
Como cheguei aqui.....	71
A culpa foi da sela.....	75
A minha motivação	77
Ser uma professora “Especial”	81
Amor maior.....	85
NiNi e o oceano gigante.....	89

Baú de memórias	95
Como tudo aconteceu.....	99
Um ano em Santarém	101
O relatório em falta ou os meus heróis a quem nunca disse que o eram.....	103
Recomeçar	109
Tudo começou assim	113
Ser Especial	117
Ser Terapeuta da Fala e trabalhar em Educação Especial	121
BÉ BÓ TÁ KI.....	125
Educação Inclusiva.....	129

Nota introdutória da Diretora do Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano

«É além de tudo **essencial que a escola se não separe do mundo**; não há escolas e oficinas; há um certo género de oficinas em que trabalham crianças nas tarefas que lhe são adequadas e lhes vão facilitando o desenvolvimento do corpo e do espírito; vão colaborando no que podem e no que sabem para que a vida melhore. Ninguém fugirá da escola e a olhará como um horror no dia em que **a deixemos de conceber como o lugar a que se vai para receber uma lição, para a considerarmos como o ponto de condições ótimas para que uma criança efetivamente dê a sua ajuda a todos os que estão procurando libertar a condição humana do que nela há de primitivo**»

Agostinho da Silva, in 'Considerações'

Penso que isto é verdade para todas as crianças!

Fala-se em crianças diferentes, em necessidades educativas especiais, em ensino regular, em integração, em inteligências, em inteligência emocional... O mundo é tudo isto e muito mais, é uma diversidade e um pluralismo de riqueza inesgotável. O mundo somos todos nós!

A ESCOLA deve replicar o mundo, a sociedade, porque o motivo da sua existência é o de transformar cidadãos crianças, tenham as características que tiverem, em cidadãos ativos. Deve então, e por isso, ser igualmente diverso e rico o leque de profissionais que ajuda toda e qualquer criança a transformar-se no melhor cidadão que puder ser.

Os profissionais de **Educação Especial** (Professores, Educadores, Técnicos, Assistentes, ...) têm a tarefa acrescida de não poderem considerar o grupo como referência mas sim o indivíduo, com as suas características e comportamentos próprios (tantas vezes desconcertantes), sobre o qual não podem ter pré-conceitos rígidos. Procuram, diariamente, o caminho (tantas vezes tortuoso) e a porta de entrada (tantas vezes escondida) para a cidadania ativa destas crianças, que consideram e sentem como suas.

É um trabalho de envolvimento e desafio constantes que só pessoas especiais e de sensibilidade acrescida conseguem levar a cabo com tanta qualidade e com tão bons resultados como os que se verificam no Agrupamento Alexandre Herculano.

Esta publicação é disso um reflexo e uma prova!

Santarém, novembro de 2017

Margarida da Franca

Nota da Coordenadora do Departamento de Educação Especial

Este livro surge no âmbito da Comemoração do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência e da vontade dos constituintes do Departamento de Educação Especial em assinalarem essa data.

Tem sido prática corrente realizarmos uma atividade que envolva a comunidade educativa e que contribua para a sensibilização sobre a temática, assim como, para uma maior, melhor e mais completa inclusão da população com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Neste sentido, quando numa reunião de departamento começámos a abordar o assunto, tentando projetar o que iríamos fazer este ano letivo, uma voz de entre o grupo disse “só nos falta escrever um livro!” Um livro!!! E porque não???

A ideia cresceu, amadureceu e acabou por resultar nesta obra, a qual foi sendo reestruturada ao longo do tempo, porque quem trabalha com esta população sabe que nada pode ser muito previsto, definido ou condicionado, porque na prática tudo é diferente, especial e único.

Sendo assim, foi dada liberdade a cada um dos autores dos textos para escolherem o âmbito da sua produção, o qual, como poderão verificar de seguida, abrange um conjunto diversificado de memórias, reflexões críticas e temáticas variadas mas unidas sobre um foco comum: a Educação Especial. Apenas procurámos harmonizar o tamanho dos textos para que estes não se diferenciassem pela dimensão mas somente pelo conteúdo.

Foram convidados a colaborar todos os docentes de Educação Especial que, durante o ano de 2017 exerceram funções no nosso Agrupamento.

Considerámos que também os técnicos do Centro de Recursos para a Inclusão, que colaboram ativamente com os docentes para

minorar as dificuldades dos alunos, deveriam ser envolvidos neste projeto.

As atividades que desenvolvemos no dia-a-dia seriam menos efetivas sem a preciosa ajuda dos Assistentes Operacionais que colaboram nas nossas Unidades de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdocegueira Congénita, pelo que também têm aqui o seu espaço.

Optámos por entrevistar quatro alunos que frequentam a Unidade da escola sede do Agrupamento, os quais não detêm competências para a produção de texto, mas que não podiam ser esquecidos num livro que procura recolher contributos de diversos participantes nas dinâmicas de inclusão que procuramos efetivar na nossa prática educativa.

Estas obras são seguramente enriquecidas se forem complementadas pela expressão gráfica, pelo que os textos são alternados com materiais produzidos pelos nossos alunos.

Transmitimos as nossas vivências, anseios e perspetivas enquanto profissionais, mas quisemos revelar um pouco mais de cada um de nós e por isso decidimos colocar a nossa fotografia e também três dos nossos gostos ou preferências pessoais, porque não somos só profissionais, também somos pessoas!

Este foi um projeto muito gratificante em termos pessoais para todos os envolvidos e esperamos que o leitor o acolha com agrado, uma vez que os sentimentos que nele descrevemos e as reflexões que efetuámos procuram constituir um modesto contributo para a temática da Pessoa com Deficiência, a partir de quem com elas trabalha, luta e se emociona com as suas conquistas. Poderá descarregar esta obra acedendo à hiperligação **<http://goo.gl/QFqseY>** ou através dos exemplares em papel que ficarão disponíveis na Biblioteca da Escola Básica Alexandre Herculano, em Santarém.

Santarém, novembro de 2017

Sílvia Santinho Canha



A. Aluno que frequenta a unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

O naturalista

O A sentou-se com ar de quem gostava de estar noutro local mais animado. Sabe dizer o nome completo e que tem 18 anos, mas não se lembra do dia ou do mês do seu aniversário.

Não recorda o primeiro dia nesta escola, mas sabe que já foi há muito tempo e que não conhecia ninguém.

Tímido, prefere não referir nomes de amigos.

Não tem preferência especial por qualquer atividade, nem faz ideia de qualquer medida que gostaria de aplicar se pudesse mandar. Nunca será político, ficamos a pensar.

Joga futebol, sem preferência por uma posição, o que faz dele um jogador polivalente e moderno. Tem uma bicicleta preta, à qual retirou os autocolantes, e a custo lá refere que esta tem dois pneus.

Considera que seria perigoso andar de bicicleta na escola, porque poderia magoar os colegas.

Ver televisão não é com ele, preferindo jogos de carros no computador. Gosta mesmo é de carne e de arroz.

Sente-se contente na escola e gosta de algumas aulas, nomeadamente de ginástica.

Quando sair da escola, quer frequentar um curso de jardinagem. Um naturalista, portanto.

A partir de uma entrevista efetuada por Sílvia Canha e Paulo Nunes em outubro de 2017.



Ana Angelina. Assistente Técnica Operacional.

Um sopro na minha vida

Quando fui trabalhar para a sala de ensino especial, fiquei um pouco apreensiva porque não tenho conhecimento nem formação para este tipo de trabalho. Mas como as crianças não eram tão complicadas como eu pensava, acalmei-me um pouco.

Quando cheguei à sala, fui recebida com tanta atenção e com tanto carinho que fiquei completamente descontraída.

A partir daí, e tendo ao meu lado uma equipa maravilhosa e um apoio extraordinário, as coisas foram fluindo em paz e harmonia, tendo vindo a descobrir que não havia dias iguais. Cada dia era uma aventura cheia de surpresas muito bonitas.

O trabalho com estas crianças é um desafio e uma surpresa de união.

E assim se confirma: onde há amor há sucesso.

Ana Angelina gosta de dançar, ler e passear.



Ana Catarina Santos. Terapeuta Ocupacional.

O sentir... de uma terapeuta ocupacional

“O cérebro alimenta-se de informação: a alma, de relação” (Matos, 2007, p.61).

Desde muito cedo, aquando da frequência do curso de Terapia Ocupacional na Escola Superior de Saúde do Alcoitão, que tão nobres terapeutas orientadores dos mais diversos estágios, nas mais diversas áreas, me ensinaram que antes de tudo está a relação com o outro. Diziam eles: “para seres uma grande terapeuta, primeiro que tudo, tens de amar o que fazes, e isso pressupõe que ames quem está à tua frente; se isso não acontecer, podes esquecer esta área”.

Na altura, aquilo pareceu-me demasiado dramático, mas a verdade é que, com o decorrer dos anos, aqueles conselhos fazem todo o sentido nos dias de hoje.

A relação terapêutica é a área mais importante do meu trabalho com crianças com necessidades educativas especiais, assim como é importante estabelecer uma relação empática com os seus professores e restantes terapeutas e técnicos.

Sempre gostei de crianças e sempre me interessei pela área da deficiência mental/ensino especial, e foi este grande amor que me fez ingressar na terapia ocupacional. As capacidades de comunicação, de estabelecer laços com facilidade e a vontade de transformar vidas levaram-me ao que sou hoje.

Quando intervenho junto dos “meus” meninos- sim, chamo-os de “meus” porque os sinto assim mesmo -, o mais importante, para além do plano terapêutico, das múltiplas técnicas e estimulações, é eles sentirem-se felizes; é o sorriso que eles me dão durante e após cada terapia; é irem embora a perguntar “amanhã temos terapia?”; é, durante a semana, perguntarem todos os dias à auxiliar da unidade “hoje há terapia?”, ou “a Catarina?”.

Nada me deixa mais orgulhosa do que estes “meus” meninos quererem e gostarem de estar comigo, de trabalhar comigo, de brincar comigo, mesmo quando sou tão exigente ou faço cara de zangada, mesmo quando não prestam atenção ao que lhes digo, mas depois juntam-se em grupo e vão ter comigo à sala e perguntam “Catarina, hoje há terapia, não há?”, ou quando entro em delírio porque, após um ano, um deles conseguiu finalmente a árdua tarefa de atar os atacadores, ou até quando já conseguem saltar à corda ou ao pé-coxinho, humm...talvez isto me deixe mais feliz ☺.

Sempre me envolvi plenamente em tudo o que faço. Continuo a envolver-me muito na relação com os meus meninos e com os meus colegas. Sempre dei importância à relação terapêutica, desde o início. Tive bons mestres. Nunca coloquei barreiras. Nunca fui de muitas “técnicas”, pois acredito que, sem uma relação terapêutica saudável, não se obtêm grandes resultados, sobretudo quando o nosso público-alvo são crianças.

Se conseguirmos estabelecer uma boa relação com a criança, criando confiança, todo o processo se torna mais fácil. A relação de proximidade que estabeleço com os meus meninos é o aspeto mais importante da minha prática, do meu trabalho. Se eu não conseguir chegar a eles enquanto pessoa, jamais conseguirei enquanto terapeuta.

Sou a terapeuta mais feliz do mundo, disso tenho a certeza, pois tenho os melhores e maiores alunos do mundo ao meu lado, os que me tiram sorrisos rasgados e gargalhadas espontâneas, os que me livram das angústias, os que me dizem “gosto de ti”, “és a minha terapeuta favorita” e me fazem declarações de amizade no dia dos amigos ou me dão abraços apertadinhos.

É a eles que dedico esta reflexão, a todos os “meus” meninos, os que me enchem a alma e o coração e me fazem acordar com boa disposição todos os dias e fazer 160kms até eles. Os que me fazem tão feliz. Adoro-vos a todos!!!

Ana Catarina Santos gosta de viajar e conhecer o mundo, de ir ouvir música nos festivais de verão, de ler e de sonhar.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com guache



Ana Simões. Assistente Técnica Operacional.

Percurso Especial

No ano letivo 2016/2017, surgiu a oportunidade de exercer a minha atividade profissional na Unidade Especializada de Apoio à Multideficiência (UEAM) da Escola de Ensino Básico de S. Domingos.

Confesso que, de início tive, algum receio, mas depressa me adaptei às novas situações, rotinas e formas de agir.

Em anos anteriores, trabalhei em escolas com crianças com Necessidades Educativas Especiais integradas em turmas de ensino regular. Contudo, o tipo de trabalho na UEAM exige muito mais esforço físico, mas por outro lado é bastante mais gratificante.

Ninguém consegue imaginar a alegria que sentimos quando os nossos meninos nos surpreendem com novas aprendizagens, quando conseguimos que uma criança que não fala colabore com

alguns sons numa canção, quando lhes proporcionamos momentos de riso desmedido, momentos em que percebemos nitidamente que estão felizes.

Por outro lado, o tipo de atividades que são desenvolvidas na sala da UEAM e nas turmas onde os alunos estão inseridos são atividades nas quais me revejo. Considero fascinante o facto de conseguirmos motivar os nossos meninos para colaborarem nesses trabalhos que, depois de concluídos, são o nosso orgulho. O *Livro Multissensorial* foi disso um exemplo.

O acompanhamento dos alunos nas atividades desenvolvidas na Equitação Adaptada e na Adaptação ao Meio Aquático traz uma responsabilidade acrescida e algum desgaste, mas é igualmente gratificante, porque considero que é uma mais-valia para o seu desenvolvimento.

Ao longo destes dois anos tive oportunidade de frequentar ações de formação no âmbito da Educação Especial e de trabalhar com vários técnicos: docentes de Educação Especial, terapeutas e psicólogos, que me “contagiaram” com o seu entusiasmo e com a sua dedicação e que me transmitiram conhecimentos que me proporcionaram um melhor desempenho no meu “percurso profissional especial”.

Ana Simões gosta de petiscar com amigos, passear e ouvir música.



Ana Sofia Ferreira. Professora de Educação Especial, a desempenhar funções na Equipa Local de Intervenção.

Uma grande caminhada. “Bem-vindos à...”

“Quando você vai ter um bebê, é como planejar uma fabulosa viagem de férias - para a Itália. Você compra uma penca de guias de viagem e faz planos maravilhosos. O Coliseu. Davi, de Michelangelo. As gôndolas de Veneza. Você pode aprender algumas frases convenientes em italiano. É tudo muito empolgante.

Após meses de ansiosa expectativa, finalmente chega o dia. Você arruma suas malas e vai embora. Várias horas depois, o avião aterrissa. A comissária de bordo chega e diz: "Bem-vindos à Holanda".

"Holanda?!? Você diz, "Como assim, Holanda? Eu escolhi a Itália. Toda a minha vida eu tenho sonhado em ir para a Itália."

Mas houve uma mudança no plano de vôo. Eles aterrissaram na Holanda e é lá que você deve ficar.

O mais importante é que eles não te levaram para um lugar horrível, repulsivo, imundo, cheio de pestilências, inanição e doenças. É apenas um lugar diferente.

Então você deve sair e comprar novos guias de viagem. E você deve aprender todo um novo idioma. E você vai conhecer todo um novo grupo de pessoas que você nunca teria conhecido.

É apenas um lugar diferente. Tem um ritmo mais lento do que a Itália, é menos vistoso que a Itália. Mas depois de você estar lá por um tempo e respirar fundo, você olha ao redor e começa a perceber que a Holanda tem moinhos de vento, a Holanda tem tulipas, a Holanda tem até Rembrandts.

Mas todo mundo que você conhece está ocupado indo e voltando da Itália, e todos se gabam de quão maravilhosos foram os momentos que eles tiveram lá. E toda sua vida você vai dizer "Sim, era para onde eu deveria ter ido. É o que eu tinha planejado."

E a dor que isso causa não irá embora nunca, jamais, porque a perda desse sonho é uma perda extremamente significativa.

No entanto, se você passar sua vida de luto pelo fato de não ter chegado à Itália, você nunca estará livre para aproveitar as coisas muito especiais e absolutamente fascinantes da Holanda”.

Emily Perl Kingsley

Olá, chamo-me Ana Sofia Ferreira, tenho 41 anos e estou a trabalhar na Intervenção Precoce há 7 anos, já não sei... parece que

sempre, ou há muito tempo, que desempenho estas funções. Aliás não me vejo a fazer outra coisa.

Escolhi esta fábula lindíssima, escrita por Emily Kingsley em 1987, porque logo quando entrei para a IP, alguém me deu a conhecer e fez muito sentido. A partir daí, e sempre que trabalho com as famílias que acabaram de receber o derradeiro diagnóstico do seu filho ou que estão a passar por muitas e muitas dificuldades, lembro-me desta fábula e leio-a aos pais. Esta vai servir de mote para as nossas longas conversas, cujo objetivo é que eles aprendam a dar valor ao que têm, e não ao que não têm.

É importante fazer o luto, sim, há que dar espaço aos pais, tempo para que eles aceitem esta nova realidade, mas também é importante caminhar com eles nesta “luta” que não vai ser fácil, mas que vai com certeza marcá-los para sempre e torná-los mais fortes.

É lá que eu vou continuar a estar, como alguém que os acompanha e que os faz ver os aspetos positivos desta caminhada. Vamos encontrar novos manuais; vamos, juntos, reaprender muitas coisas. “O Caminho faz-se caminhando”. Se fosse fácil não teria graça, não era a mesma coisa....

Até já.

Ana Sofia Ferreira gosta de passar tempo com a família (de qualidade e sem “pressas”), de restaurar objetos antigos (dando-lhes uma nova “cara”) e de andar descalça (uma grande sensação de liberdade).



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com tinta acrílica



Anabela Stoffel. Professora de Educação Especial.

Alegrias...e tristezas!!!!

Educação Especial, necessidades educativas especiais, deficiência, inclusão, enfim, termos, palavras, expressões que tanto têm marcado o meu percurso profissional. São muitos e longos os anos, desde que dei início à minha incursão por este palco que é a Educação Especial. Sou um simples ator que, embora estude e saiba o meu papel, nunca é igual no seu desempenho. Muita coisa poderia dizer sobre esta matéria, mas o que vou relatar são pequenos e reais episódios que ainda hoje recordo, alguns com tristeza, outros com muita alegria, e que me fazem pensar que afinal sou uma professora como todas as outras, que deixa carinho, saudades e muito amor aos seus alunos.

Um dos episódios que recordo foi no início desta grande jornada, quando trabalhava numa Instituição e tinha preferencialmente alunos com Síndrome de Down. Um desses alunos com cerca de 8 anos, e estava a dar os primeiros passos na sua escolaridade. Um

aluno com grandes *handicaps* na área da motricidade fina, somente fazia rabiscos com o lápis... Um dia fomos fazer uma visita e ele viu um gato; quando chegou à sala, quis fazer o gato. Sim... fez bolas, umas em cima das outras, e disse-me: “olha o meu gato, aqui é o corpo, aqui são as patas e aqui são as orelhas”. Fiquei tão feliz, porque na verdade eu vi o gato que ele queria que eu visse. Fui mostrar às minhas colegas o gato que o meu aluno tinha feito-maluca, claro, pois só eu via o gato. Trabalhar na Educação Especial é pormo-nos no lugar do outro, é valorizar os nossos alunos pelas suas habilidades e não pelas suas limitações.

Recordo também, nessa altura, a primeira reunião que tive com a Encarregada de Educação deste aluno. Depois das trocas de informações sobre o seu educando, a mãe questiona-nos, a mim e à psicóloga que me acompanhava, se o seu filho alguma vez iria ler. Como tinha pouca experiência, fiquei calada, e a psicóloga, porque as suas vivências eram maiores, respondeu que era difícil isso acontecer, que o seu educando tinha grandes limitações. Quando dei por mim, chorava a mãe e chorava eu... Como era possível um aluno não ler se a escola estava lá para isso: ensiná-lo a ler?! Questionava a mãe e, claro, interrogava-me eu. Para meu orgulho, o aluno aprendeu a ler, embora não naquele ano.

para meu orgulho. A simbiose professor-aluno só ocorre quando há uma visão despida de preconceito, cabendo ao professor favorecer o contínuo desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais. Não é tarefa fácil, mas é possível. Quando ocorre, torna-se uma experiência inesquecível para ambos. Trabalhar na Educação Especial é apoiar a família, é assumir múltiplas funções. Compreender as constantes perdas e o processo de luto inerente a estas famílias, nomeadamente os sentimentos e reações face à incapacidade dos filhos, as mudanças na vida dos pais, os momentos mais difíceis e o relacionamento que os pais têm com os filhos com necessidades educativas especiais, é um dos nossos papéis.

Anos mais tarde, encontrei este aluno. Depois de muito choro de alegria, disse-me: “Bela, tenho muitas saudades tuas”! Só posso dizer como é bom estar aqui, na Educação Especial.

Outra das histórias que me marcou foi depois de fazer a minha especialização, quando fui colocada numa escola para apoiar um aluno com autismo. Este aluno tinha dificuldades de relacionamento, não aceitava com facilidade os outros. Mas por incrível que pareça, o primeiro dia de contacto foi espetacular. Entrei na sala e fiquei encostada à porta enquanto a professora falava com ele sobre a minha vinda. Olhou para mim, sorriu e esperou que eu fosse ter com ele. Como isso não aconteceu, veio até mim e disse simplesmente: “gosto de ti”. Claro que foi um ano com muitas coisas boas, porque não era só a imaginação dele que pulava e avançava, mas eu estava lá para sonhar com ele aos príncipes, aos castelos, aos cestos de fruta que não existiam em cima da mesa de trabalho, mas que só nós dois podíamos ver...

A Unidade Especializada de Apoio à Multideficiência tem sido uma experiência singular e gratificante, onde coisas boas e menos boas acontecem. Expressões como “na ma catece”, “cor feliz”, “seu barrote”, marcam o nosso dia-a-dia. As limitações cognitivas, motoras e/ou sensoriais apresentadas pelos alunos com multideficiência levam-nos a ter menos oportunidades para explorar e interagir com o meio ambiente.

Na sala tínhamos uma aluna com graves problemas cognitivos e comportamentais; todos os dias eram especiais, desde bater nos professores/técnicos, colegas, a fazer coisas inconcebíveis. Quando contrariada, ameaçava-me dizendo: “qué vê, qué vê vou cag...”. Então, olhava para ela e estava toda suja, da cabeça aos pés. Noutras ocasiões, dizia “qué vê vo comê” e deitava as mãos às axilas, arrancava uma grande quantidade de pelos e comia-os... Arrepiante, não podem imaginar... Claro que só parei na casa de banho, a vomitar o belo almoço que tinha comido.

Procurar dar respostas adequadas à diversidade das necessidades educativas destes alunos implica programar respostas educativas que os ajudem a participar o mais ativamente possível nas aprendizagens e a sentirem-se aceites no grupo de pares e na comunidade a que pertencem, o que nem sempre é fácil.

Várias são as ocorrências que me vêm à memória ao longo destes anos de trabalho, mas o texto já vai longo.

Não posso deixar de agradecer não só aos alunos como também a todos os profissionais espetaculares que me ajudaram nesta caminhada.

Finalizo com estas afirmações:

“As crianças especiais, como as aves, são diferentes nos seus voos, todas; no entanto, são iguais no seu direito a voar.”

“A questão fundamental é a atitude. Se desejas fazer uma coisa, comesas a procurar os meios para a fazer. Se não queres fazer uma coisa, comesas a procurar desculpas para não a fazer.”

(Wayne Sailor, 1991).

Anabela Stoffel gosta de brincar com o seu neto, de rir e de se divertir com os seus amigos e ainda de água, da natureza e de apanhar sol!!!



B. Aluno que frequenta a unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

Um solidário

Rapaz encorpado, voz potente e com buço a dar um ar da sua graça, o B mostra-se confiante e disposto a ser entrevistado.

16 anos bem criados, já feitos este ano, veio para esta escola com 10 anos.

Quando aqui entrou, pensou que ia mudar tudo, mas não teve medo: “portava-se mal” na escola anterior (a vassoura era uma arma de eleição) e sabe porquê. Queria arranjar uma miúda para dar nas vistas e conseguiu, se bem que não se recomende a fórmula.

Chegado a esta escola, o comportamento mudou. Hoje considera que a escola é “bacana” e nomeia vários amigos: todos os que

frequentam a sua Unidade, assim como outros que são da sua turma.

Vem a pé para a escola, ou ocasionalmente de carro, e gosta de fazer atividades de boccia, BTT e futsal de rua. Já jogou futebol num clube da cidade mas os custos da inscrição impediram-no de continuar. Refere, com alguma tristeza, que já nem vai ver os treinos.

Tem uma consola de jogos, sendo carros, futebol e tiros as áreas preferidas. De vez em quando, joga toda a noite porque tem “jogos online marcados”. Tem é que fingir que está a dormir e não se esquecer de baixar o volume.

No próximo ano, julga que vai ser transferido para um agrupamento onde se ministra o ensino secundário e sabe exatamente o que vai fazer quando terminar a escolaridade: nada.

O que gostou mais de fazer na escola foi uma atividade fora da escola: fez surf no mar e não se importava nada de repetir. Não é rapaz de línguas, uma vez que o Português e o Inglês estão entre as disciplinas de que gosta menos.

Acha que a Escola é um local bom para se estar, especialmente quando os professores não mandam trabalhar. Se mandasse, expulsava alguns dos seus colegas da escola, não por qualquer querela, mas porque eles gostam mesmo é de estar em casa. Um solidário.

A partir de uma entrevista efetuada por Sílvia Canha e Paulo Nunes em outubro de 2017.



Cristina Carapeto. Docente de Educação Especial, a desempenhar funções de Assistente Técnica Operacional.

Que desafio! Que gratificante!

Ao pensar um pouco (de modo a escrever este pequeno texto), percebo que a educação especial e as crianças com necessidades educativas especiais entraram na minha vida há já mais anos do que aqueles que contava.

Quando olhei “lá para trás”, identifiquei o início deste percurso com o fim do curso nesta área. Só que os meninos especiais já se tinham cruzado comigo há muito. Há muito que acompanho, como amiga, mães de meninos especiais, os sobrinhos do coração. Há muito que esta realidade me é próxima. Há muito que assisto às lutas, frustrações, aos desânimos, às incompreensões, ao “baixar os braços” (ainda que momentâneo, é certo) e inclusive às perdas. Mas também tenho tido o privilégio de estar na primeira fila de recomeços, de alegrias, de conquistas, de desafios superados e de

AMOR, muito AMOR. E este é o denominador comum. Não se pode lidar com estes desafios senão através do Amor. E quando olho para todos os que fazem parte desta dinâmica, muitas vezes me comovo; porque vai muito além de um emprego, de um trabalho ou de cumprir horários. É uma forma de estar na vida, é um modo de ser, de se dar aos outros e ser feliz, por fazer feliz. Tenho a sorte de ter na vida, e como referência, quem muito me ensinou e ensina todos os dias. O trabalho direto com as crianças com necessidades educativas especiais permite-me apetrechar, capacitar e procurar fazer melhor um bocadinho todos os dias. Mas os exemplos que recebo dos que conheço fazem-me PESSOA.

Cristina Carapeto gosta de música, de ler e de rir.



Carla Redol. Psicóloga.

TALVEZ! Talvez...entre o SIM e o NÃO vá mesmo uma infinidade de respostas

Permitam-me que partilhe um pedacinho da herança que tenho guardada num pequeno baú e que espero poder deixar ao meu filho, na esperança de que quando ele for mais crescido me desculpe e me entenda...

“A poesia dos TPCs“

Espera, Desespero alado

Brinca, mas fica sentado!

Galopa-te cada pernita tonta

Para! Estou a ficar zozna.

Vamos acalmar, para podermos trabalhar

Vamos despir o local

Pra isto correr menos mal.

Espera, desespero alado

Lê e faz contas

Sem andares levantado.

Vá lá!

Tenta novamente escrever

Quando tu queres, isto é um prazer

Por Deus...

Pelo Eusébio e todas as tuas estrelinhas no céu

Não enroles os cantos do caderno

Para de afiar

Dá ordem aos teus devaneios

Para se irem deitar.

Meu anjo irrequieto, absorve o saber

Não vá o futuro dar-te nada a fazer.

Lá estás tu! Não tentes mudar de assunto

Olha que assim, não terás mais do teu mundo!

Eu sei que a tortura para ti é isto

Mas eu de ti não desisto.

Silêncio...silêncio...ouve-se o ar

Estará doente?

Ou estará só a inventar?

Ufa! Foi só um susto

A tua saúde é de ferro

E lá volto eu a exercitar o meu berro.

E às tantas já nem me oiço a mim

Nem ao amor infinito que eu sinto por ti!

Com mil perdões, da tua mãe que te adora

NÃO! Não partirei deste desabafo para tecer comentários sobre o SIM ou o NÃO dos TPCs e sobre as BOAS ou as MÁS razões deste tema, que em certos casos, ou momentos, nos obriga a estabelecer relações tão próprias com os nossos filhos, durante tantas horas das nossas vidas.

NÃO! Também não irei puxar de conceitos e de últimas teorias disto e daquilo, em que os resultados e conclusões se DIZEM e DESDIZEM, para justificar se falamos de irrequietude, défice de atenção COM ou SEM hiperatividade, de crianças bem ou “mal-educadas”, e acabar com previsíveis reflexões e soberbas conclusões de que afinal a “Ritalina” é um veneno ou que as boas palmadas à moda antiga é que resolvem a questão, e ponto final! Como se tudo se resumisse a um SIM ou a um NÃO, seguidos de ponto final, para dar mais seriedade, credibilidade e sustentabilidade às afirmações (e negações).

SIM! Tenho a certeza de que NÃO tenho certezas quanto a estes temas e a outros tantos (infinitos e “mais além”).

TALVEZ! Talvez ache que, por MELHOR que se pinte o quadro, ainda há dois lados. Que ainda há o “LADO DE DENTRO” e o

“LADO DE FORA” da ESCOLA, e que tudo está bem quando o “LADO DE DENTRO DA ESCOLA não interfere muito com o bem-estar do “LADO DE DENTRO DAS CASAS” (que é o mesmo que dizer “lado de fora da escola”) ou quando esse “LADO DE DENTRO DAS CASAS” evita causar mal-estar no “LADO DE DENTRO DAS ESCOLAS”.

SIM! Alunos são filhos de alguém. Professores, auxiliares, técnicos disto ou daquilo, muitas vezes também são pais de alguém. Encarregados de educação (ou alguém que cuida e protege com amor) podem igualmente ser pais de alunos. Todos tão próximos, com tanto em comum, mas ainda há o lado de dentro e o lado de fora, e cada um lá vai fazendo as suas análises, partindo do seu prisma... É bom quando os dois lados se juntam para coisas AGRADÁVEIS. Mas a vida também tem coisas DESAGRADÁVEIS... Talvez nesse momento SIMPLES ações pudessem ajudar a resolver situações que, de tão batidas, se tornam COMPLEXAS.

De algum modo, o “lado de dentro da escola” vai ganhando sensibilidade às diferenças de cada um, tendo a preocupação de estar atento aos seus recursos (sejam eles cognitivos, emocionais ou sei lá que mais...); mas, perante tantos TPE (Trabalhos Para Escola), por vezes há o esquecimento de que, para além desses recursos, os alunos-filhos de alguém atravessam fases em que há “dias para”, mas também há “dias não”.

E é nestes momentos que TALVEZ se pudessem considerar outras hipóteses (digo eu, mas quem sou eu para o dizer), mas eu por mim acho que... mas como já disse não tenho certezas, olha mas digo na mesma... e cá para mim...

Há uns tantos dias em que os TPCs NÃO devem entrar dentro das casas (por mil motivos e outros tantos) sem que isso resulte num melindre no lado de dentro das escolas. Mas há outros em que SIM, em que houve aprendizagem, foi produtivo, foi pertinente, acrescentou alguma coisa... E por que não sair do lado de dentro das escolas?

Há dias em que o lado de dentro das escolas tem o direito de questionar o lado de fora quando tal compromete o bem-estar dos que lá “vivem” dentro, e que não ficaria mal ao “lado de dentro das casas” pedir desculpa e implicar-se para que haja mudanças. **Mas** há outros dias em que talvez se pudesse fazer semelhante pedido, quando se conclui que certas dinâmicas “do lado de dentro das casas” devem magicamente alterar-se partindo do princípio que “este lado” não tem o direito de andar cansado, ou que tem o dever constante de fazer uso de estratégias super-pedagógicas, onde as “ritalinas” não entram, justificando imprudentemente que hiperatividade é fruto da educação e jamais uma perturbação neurodesenvolvimental, TALVEZ mereçam igualmente semelhante pedido.

Há dias em que... mil exemplos me ocorrem, ou “nos ocorrem”, se houver alguém que ainda não desistiu de ler e de pensar no que para aqui vai.

SIM! Talvez ... ache que entre o SIM e o NÃO vá uma infinidade de respostas, e que a relação entre o lado de fora e o lado de dentro seja do que for se estabeleça nesse intervalo, em que haja a possibilidade (sensibilidade) de haver dias “para que sim”, “dias para que não” e outros para “mais ou menos”, sem que tal signifique obrigatoriamente desleixo ou irresponsabilidade, e que se possa concluir apenas que somos todos humanos e fantasticamente diferentes.

Carla Redol gosta de ser a mãe do seu filho e de poder vê-lo a crescer todos os dias, pertinho de si. Gosta também de sentir que “tem a sorte” de poder gozar de direitos que qualquer ser humano devia ter garantidos, mas que, infelizmente, a maior parte não tem.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com guache



Cristina Galante. Educadora de Infância a desempenhar funções na Equipa Local de Intervenção.

Solidariedade e a criança

A vida é feita de escolhas...umas boas, outras menos boas e outras más!

Todos nós, de alguma maneira, já as fizemos e com elas aprendemos.

Há uma certeza que eu tenho: fiz a escolha certa quando, há mais de duas décadas, escolhi ser Educadora de Infância.

Também por alguma razão, a vida pôs sempre no meu caminho crianças especiais, crianças diferentes e famílias. Com elas tenho aprendido muito e ensinado também.

Há cerca de dez anos, estive pela primeira vez numa Equipa de Intervenção Precoce. Adorei... Foi uma experiência única, nova e muito gratificante. Estava a trabalhar longe de casa com uma filha

pequenina e com a vida familiar equilibrada. Foi um ano em que também tinha menos uns anitos em cima, mas em que, apesar de tudo, fazia aqueles quilómetros diariamente com gosto, não me custava nada, e regressava sempre com uma satisfação enorme e com uma história nova para contar.

Nesse ano, foi referenciada uma criança que estava em domicílio, no concelho de Arruda dos Vinhos, concelho esse que me estava atribuído. Esta criança, com o diagnóstico de espectro do Autismo, estava em casa há quatro anos com a mãe, que vivia só para este filho. Ela tinha outra filha no 2º ciclo e um marido camionista, que raramente se encontrava em casa. Quando lá cheguei, vi uma casa grande com quintal e, aparentemente, com boas condições.

Quando entrei no quarto onde estava a criança, fiquei completamente desolada... Um quarto muito pequeno, com duas camas individuais, uma televisão num suporte de parede e uma mesinha com o comando junto à janela. A criança saltitava de cama para cama, pegava no comando, ligava a TV, voltava a saltitar, pegava no comando, desligava a TV...e passava o dia nisto. Os avós, que moravam perto, iam buscar a irmã à escola, davam-lhe o apoio que podiam, e a mãe supervisionava o menino, todo o dia. A Senhora explicou que, como o filho dormia muito pouco durante a noite, uma das camas era dela e a outra era da criança. Achei a situação surreal e até pensei: como é que é possível, hoje em dia, ainda existirem situações destas?

Tinha de fazer alguma coisa urgentemente...

Primeiro fiz o trabalho com a família, neste caso a mãe, dei-lhe várias sugestões, expliquei que o filho precisava de outras vivências e de outros apoios, sendo que a primeira seria ele habituar-se à minha presença em contexto de domicílio, mas noutros espaços da casa, nomeadamente no espaço exterior. Depois, tratar urgentemente de pôr a criança no JI mais próximo da residência e encaminhá-la para o apoio da Educação Especial do Agrupamento. Esta mãe estava tão desesperada, que aceitou as minhas propostas.

Esteve durante quatro anos sem vida própria, vivia única e exclusivamente em função das necessidades básicas daquele filho.

Ele passou a frequentar, só no período da manhã, o Jardim de Infância (não almoçava, inicialmente). Eu fiz a ponte, estando na altura duas semanas só naquela escola, visto que já era alguém que ele via com alguma frequência em sua casa.

Não teve uma adaptação nada fácil, dada a problemática e as vivências muito condicionadas tidas durante quatro anos. Fiz também o encaminhamento para ele ter aulas de Hidroterapia.

No fim, esta mãe ficou tão grata, mas tão grata, com a ajuda que eu lhe dei que ainda hoje na Escola fala com carinho da GRANDE ajuda que teve da minha parte. Segundo ela, devolvi-lhe a outra filha e a vida.

É muito gratificante sentirmos que conseguimos ajudar os outros e vermos o nosso trabalho valorizado.

Eu, felizmente, ao longo do meu percurso profissional, tenho sentido esta gratidão por parte das Famílias e das crianças.

Adoro as minhas crianças porque sim, amam-nos na sua inocência.

Sou a favor da inclusão, porque todos conseguimos enriquecer as nossas vivências aprendendo através dos afetos, da sensibilização e da cooperação.

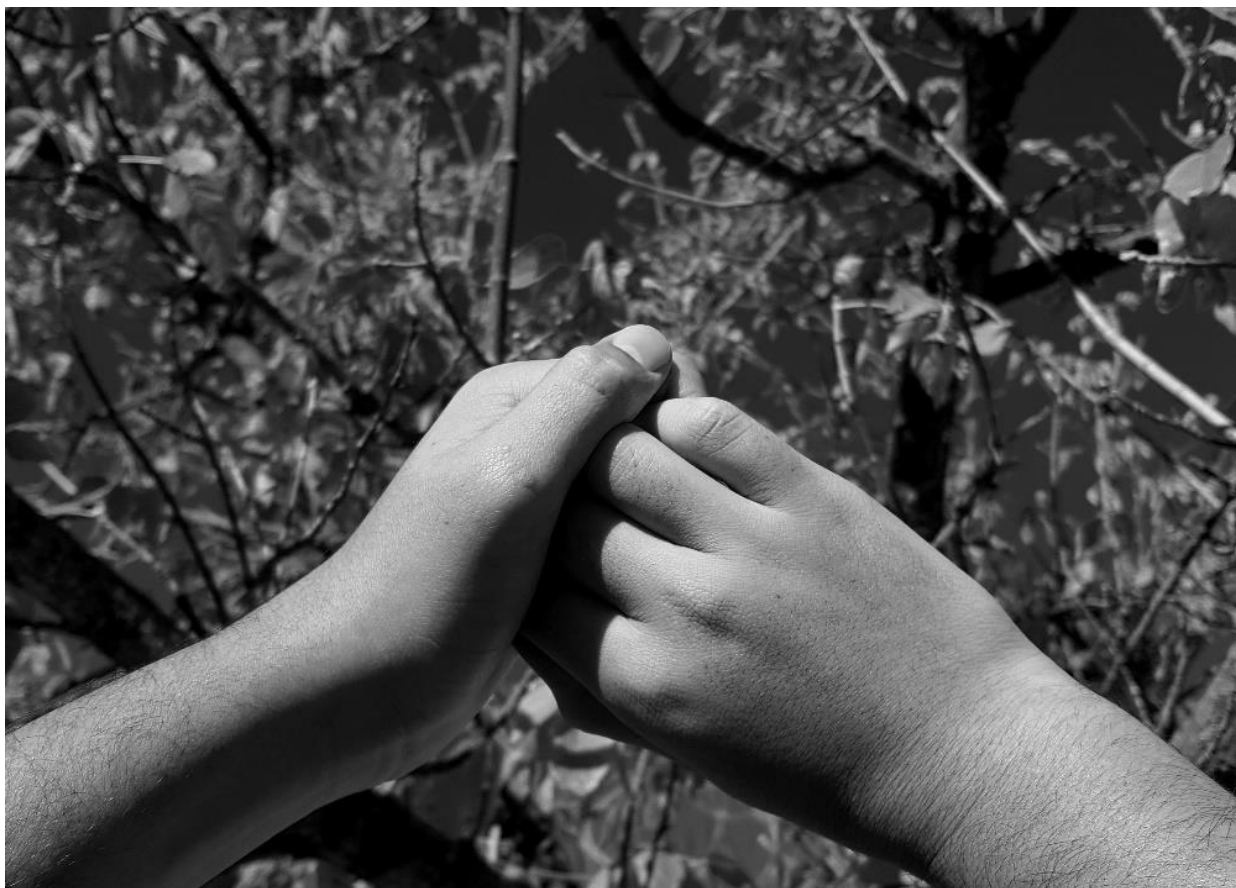
Ao longo do meu já vasto percurso curricular, vi o meu trabalho diariamente reconhecido.

Tive um bocadinho de tudo: crianças difíceis, crianças carinhosas, crianças diferentes, famílias, umas mais complicadas outras menos. Sempre consegui chegar a todos com mais ou menos dificuldades.

Sinto-me muito FELIZ e REALIZADA por todo o trabalho que tenho feito até hoje.

AMA O QUE FAZES E SENTIR-TE-ÁS REALIZADA SEMPRE.
Este é o meu lema, que tenho conseguido transmitir à minha filha,
ao longo da vida.

Cristina Galante gosta de estar com a família, de ir à praia e de ler.



D. Aluno que frequenta a unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congênita dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

Os amigos são todos iguais

O D tem quinze anos e ainda não comemorou o seu aniversário este ano. Só faz anos em março, pelo que tem espírito de professor: o tempo é contado por anos letivos, não por anos civis. Não sabe há quantos anos anda na escola, mas lembra-se que, quando nela entrou, pensou que ia fazer novos amigos.

Não tem preferência por nenhum professor, são “todos iguais”. Gostou de fazer a atividade das pipocas e confessa que, quando ninguém estava a ver, comeu um grande saco delas, junto com outros colegas.

Na escola, gosta de fazer parte do grupo de teatro e já foi representar ao Teatro Taborda, assim como cá na escola. Gostou das palmas, mas confessa que as falas custaram a decorar, tendo

que as repetir muitas vezes, com a ajuda dos professores e dos colegas.

Gosta de cavalos e de natação, mas por esta última tem uma predileção especial, se bem que já tenha engolido alguma água. Apanhou alguns sustos com o cavalo, pelo que prefere a água, seja fria ou mais quentinha.

Ainda não pensou o que vai fazer quando sair da escola. Custa-lhe um bocadinho levantar-se de manhã para vir para a escola e gosta de passear nos tempos livres, de preferência nos jardins.

Dança num rancho folclórico há dois anos e veste-se de trabalhador rural, com fato, chapéu e sapatos pretos. Um gótico, portanto.

O seu par chama-se Marta, mas dança com quem for necessário. Já se enganou algumas vezes, mas paciência.

Já dançou na Azambuja e na Casa do Campino, em Santarém.

Fez muitos amigos novos na escola, mas não tem amigos preferidos, porque “são todos iguais”. Há lá melhor forma de acabar esta conversa?

A partir de uma entrevista efetuada por Sílvia Canha e Paulo Nunes em outubro de 2017.



Elisabete Ferrão. Professora de Educação Especial.

E se eu conseguir...

“Quando me amei de verdade, compreendi que em qualquer circunstância, eu estava no lugar certo, na hora certa, no momento exato. E então, pude relaxar. Hoje sei que isto tem nome... Autoestima.”

Charles Chaplin.

- “Não sei...”
- “Não consigo!”
- “Não sou capaz!”
- “Eu não sei fazer isso!”

O silêncio, ou um simples baixar de olhos.

São frases ou situações que frequentemente ouvimos ou presenciamos com os nossos alunos.

Todos sabemos que cada aluno tem o seu próprio ritmo de aprendizagem, pois uns aprendem mais depressa, outros mais devagar, há ainda outros que, simplesmente, pensam que nunca conseguirão aprender e há, efetivamente, os que não conseguem aprender tanto quanto os outros. É, por isso, essencial olhar para os nossos jovens, não como seres padronizados, mas como indivíduos com múltiplas capacidades, seres complexos, com ideais, com habilidades, como seres únicos... E, por vezes com dificuldades, diferenças... E, aí, enquanto professores, tentamos encontrar estratégias e metodologias adequadas às necessidades e diferenças de cada um, recorrendo a atividades diferenciadas, de maneira a poder apoiá-los de forma individualizada, em função das suas necessidades específicas. Isto acontece com qualquer aluno, mas ainda mais quando estamos perante uma criança com Necessidades Educativas Especiais, pelo simples facto de ela própria se sentir, frequentemente, diferente dos outros e, por vezes, até desajustada.

Apesar da inegável importância da Pedagogia Diferenciada, de que tanto se fala, creio que, por vezes, existe uma sobrevalorização da dimensão cognitiva no processo de ensino-aprendizagem, em detrimento da dimensão afetiva, pois uma boa forma de melhorar o rendimento escolar dos alunos é ajudá-los a verem-se de uma forma mais positiva. Enquanto professora, várias foram as vezes em que dei “voltas à cabeça” à procura de recursos mágicos que me permitissem encontrar a solução milagrosa que me ajudasse a ajudar alguns alunos, a fim de lhes poder proporcionar respostas diversificadas, para que, perante a sua individualidade, conseguissem ter uma igualdade de oportunidades. Mas talvez tenha, inconscientemente, minorizado ou, pelo menos, não tenha valorizado suficientemente um elemento que se encontra “à mão de semear” e que tão boa colheita pode dar, talvez até das melhores: a **autoestima**.

“Descura-se a educação da autoestima nos objetivos, programações e atividades escolares, pela ignorância ou inadvertência face ao influxo decisivo que ela tem em todo o processo de maturação pessoal. (...).”

José António Alcântar, em *Como Educar A Autoestima*.
Aula Prática – Plátano. Edições Técnicas, pp 9.

Hoje, acredito verdadeiramente que educar é também promover a autoestima. Se nós, enquanto educadores, negligenciarmos esta tarefa, poderemos estar a descurar a tarefa prioritária. É importante referir que não interessam apenas as aprendizagens cognitivas em si, mas também as condicionantes que levam o aluno, sobretudo quando ele próprio se sente e se vê como diferente dos outros, a conseguir alcançá-las mais facilmente, sendo o caso, por exemplo, da autoestima, que apresenta uma estreita relação com o rendimento escolar. Acredito efetivamente no efeito positivo que a autoestima pode ter em cada um de nós e, se a fomentarmos e a estimularmos numa criança, será mais fácil esta acreditar e confiar em si própria, levando-a a querer ir mais além. Sendo a escola um local onde passamos um período muito extenso das nossas vidas, é importante que aí se encontre um espaço não só de crescimento cognitivo, mas também evolutivo e pessoal. E, como gosto de citações, aqui vai mais uma: “Um professor afeta a eternidade...é impossível dizer até onde vai a sua influência” - Henry Adam

“Numa escola contemporânea, onde impera a filosofia da inclusão (...), cria-se uma comunidade coesa, cuja visão educacional se revê na premissa de que toda a criança deve ser respeitada e levada a atingir o máximo da sua potencialidade em ambientes que permitam o desenvolvimento da sua autoestima, do orgulho nas suas realizações e do respeito mútuo”.

Luís de Miranda Correia, em *Inclusão e Necessidade Educativas Especiais*

- “Não sei se consigo, mas vou tentar!”
- “Parece difícil, mas vou fazer o que consigo...”
- “Afinal, consegui!”

Elisabete Ferrão gosta de ler, ver cinema e viajar.



Elsa Videira. Professora de Educação Especial.

Contexto Colaborativo - Metodologias Inclusivas

Na minha opinião, ensinar constitui a atividade principal na profissão do docente, e essa deve ser compreendida como uma “arte” que envolve aprendizagem contínua e envolvimento pessoal. É um processo de construção permanente de novos conhecimentos e experiências educacionais que possibilitam ao docente a resolução de novas situações ou de problemas emergentes no dia-a-dia da escola e da sala de aula, procurando dar respostas à diversidade das necessidades educacionais dos alunos.

Segundo o conceito de inclusão escolar, a educação é para todos os alunos e com todos eles. Deste modo, todos devem estar numa mesma sala de aula. Esta prática inclusiva implica desafios consideráveis para o professor da turma e para o professor de educação especial.

Cada vez mais, se tem considerado o princípio de que os professores não devem trabalhar sozinhos, mas em colaboração, prosseguindo, portanto, objetivos comuns, de modo a melhorar o sucesso educativo de todos os alunos.

Assim, o poder das equipas colaborativas encontra-se na capacidade para fundir habilidades únicas dos professores, para promover atitudes positivas, desenvolver metodologias inclusivas e inovadoras sobre resolução de problemas, promover apoio mútuo e partilha de responsabilidades.

Dessa forma, o trabalho colaborativo pode diminuir distinções de papéis existentes entre os profissionais envolvidos, a fim de que cada um possa fazer o melhor uso possível de seus saberes.

Este trabalho colaborativo implica colaboração entre o professor do ensino regular e o professor da educação especial.

Passo agora a descrever a experiência que tenho vivido com este tipo de atuação, realizada num mesmo espaço físico – sala de aula na escola.

Ambas as profissionais tinham o mesmo lema de vida:” Educar todos os alunos com todos”.

Na sala de aula, promovemos uma boa gestão curricular, planificámos e avaliámos estratégias, adequando o espaço consoante as potencialidades e as necessidades dos alunos, visando à melhoria do ambiente de aprendizagem.

Os alunos foram atores no processo educativo, participando ativamente nas atividades, na planificação e na autoavaliação. Nós fomos facilitadores e criámos metodologias inclusivas para todos os alunos aprenderem de forma a alcançarem o sucesso educativo, assim como a melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem.

Nós apoiámos todos os alunos na sala de aula, combinando os nossos saberes (professor do ensino regular e professor de educação especial), aplicando as estratégias adequadas a cada um e organizando trabalho de tutorias a pares, trabalho de pequenos grupos e de grande grupo.

Todos (alunos e professores) se envolveram no processo educativo e os resultados têm sido muito positivos.

Considero que o trabalho colaborativo entre professores traz várias vantagens para escolas, professores e alunos. As escolas tornam-se inclusivas, os professores aprendem a refletir sobre as suas práticas, aprendem novas formas de enfrentar as dificuldades e tornam-se mais autoconfiantes, bem como partilham muito mais.

O ensino colaborativo está relacionado com a maneira de tratar novas ideias, de implementar mudanças, com os sentimentos de inclusão, de solidariedade e posturas de autoavaliação, de autocritica e de competências reflexivas coletivas, promovendo aperfeiçoamento contínuo e aprendizagem.

A contribuição do ensino colaborativo caminha rumo ao pensamento pedagógico da inclusão escolar, pois premeia questões do quotidiano, do desempenho dos professores e promove atitudes que permitem a parceria e a colaboração conjunta. Dessa forma, a proposta de tal ensino é um caminho viável e gratificante, tornando todos os envolvidos construtores do seu próprio processo de ensino e aprendizagem.

Elsa Videira gosta de ler, de viajar e de jardinar.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com gesso e tinta acrílica



Encarnação Rosa. Professora de Educação Especial.

Educação especial, uma missão...

Todos são semelhantes na matéria. E nos sentimentos.

E todos são diferentes na sua individualidade...

Ninguém é suficientemente autónomo para ser feliz sozinho...

Em sociedade, dependemos todos uns dos outros...

Uns mais, outros menos, uns numas coisas, outros noutras...

E há os que, por acidente genético ou de percurso, necessitam de mais apoio do que outros para conseguirem alcançar o objetivo final, que é ser FELIZ.

Feliz na família, na escola, na comunidade, na sociedade... na vida, em todos os seus domínios...

Tudo parece fácil, dentro do que é supostamente normal...

Mas quando a genética deturpa a “normalidade”, desajustando-a dos caminhos existentes, não é apenas essa vida que está em causa, mas também outras vidas, de quem essa vida depende e de quem a sociedade também depende...

Tal como alegria gera alegria, infelicidade gera infelicidade...

Tendo por base a convicção de que todos nascemos para sermos felizes, e que todos somos construtores de uma sociedade cada vez melhor, então há que criar estruturas para que todos possamos caminhar de forma fluida nesse sentido, em todos os momentos e fases da vida...

Para as vidas que se tornaram especiais, tem de haver respostas especiais com pessoas especiais, que lhes possibilitem usufruir do direito a uma vida digna, com autodeterminação e respeito...

Juntos, somos todos mais felizes e completos...

Para eu ser feliz... temos de ser todos...

Encarnação Rosa gosta de resolver problemas, de costura criativa e de organizar eventos.



Esmeralda Silva. Professora de Educação Especial.

Memórias da minha vida profissional

Estava um pouco resistente a escrever, a partilhar um pouco do meu percurso profissional. Desculpas e mais desculpas para mim própria: “não sei o que escrever...a memória já me falha” ... Enfim...lá arranjei entusiasmo e inspiração! As teclas vão saltando e os meus pensamentos começam a fluir... Esta é uma prova de que tudo se torna fácil quando se quer! Querer é poder, é arriscar, é semear e colher...

Se há coisa que me dá prazer é trabalhar! É inacreditável, mas é verdade! Dá-me, alegria, jovialidade, prazer de me dar aos alunos, às famílias...

São tantas as memórias! Falar da minha vida profissional é partilhar uma vida de alegrias, preocupações, de uma busca frenética de aprendizagens, conhecimentos, de enriquecimento

peçoal e profissional, de olhar e sentir as crianças e famílias de um modo peculiar...a quem respeito pela sua coragem e esperança...

Iniciei a minha profissão como Educadora de Infância há 27 anos na ilha da Madeira, mais propriamente na Madalena do Mar (durante dois anos). Menina e moça, de malas e bagagens, nunca tinha andado de avião, não conhecia nada, nem ninguém, na Madeira. Jamais me esquecerei desta primeira viagem do Funchal para a Ponta do Sol. Nunca tinha visto tanta bananeira na minha vida. Sem casa, a única coisa que sabia é que tinha de me apresentar na Delegação Escolar da Ponta do Sol. Tudo se resolveu! Encontrei colegas que foram umas autênticas mães para mim, que me acolheram e acarinharam. Conheci colegas oriundas, sobretudo, do norte do país, que se encontravam nas mesmas circunstâncias que eu, longe da família, dos amigos... E isto para quê? Para conquistar o tão precioso tempo de serviço, que caso contrário não era possível obter. Apoiámo-nos. Foram dois anos muito felizes da minha vida. Uma verdadeira aventura!

A “canalha”, como chamavam às crianças, era muito endiabrada... Mal me distraía, saíam pela janela e corriam em direção ao “calhau”. Uma confusão!

Entretanto regressei ao “contenante”, passando por vários Jardins de Infância do Distrito de Santarém. Voltei à ilha da Madeira para vincular. Passado este período, regressei a casa com a minha primeira filha prestes a nascer. Consegui um destacamento para a APPACDM, onde permaneci durante 13 anos da minha vida. Nunca tinha tido qualquer contato com crianças com necessidades educativas especiais. Esta foi a minha grande escola, onde tive oportunidade de me apaixonar por uma nova realidade, uma nova forma de viver... Jovens com Necessidades Educativas Especiais (NEE), “casos muito profundos – multideficiência”. A interação com as dificuldades e necessidades destes jovens representou um grande desafio em termos educativos, uma vez que muitos se encontravam impossibilitados de usar a fala como meio de comunicação, tendo ainda outras limitações ao nível da sua própria autonomia. Como tal, tive de aprender/compreender e dar resposta aos diferentes tipos de comunicação. A aprendizagem foi mútua!

Dia após dia, foram-se estabelecendo relações de grande afetividade, partilha de momentos e experiências agradáveis, de forma a ajudar os jovens a sentirem-se motivados para interagir e comunicar com o mundo exterior. Foi de uma entrega total a estes, famílias e equipa multidisciplinar, com quem interagia diariamente.

Descobri ao longo destes anos que a Educação Especial era o meu caminho, um caminho de entrega, de afetos, de empatia pelas suas diferenças, pelos seus mundos que, por vezes, tinha de descobrir.

Cheguei a uma determinada altura e senti que estava a ficar estagnada, a minha vida estava a tornar-se uma rotina. Apesar de adorar os meus “meninos”, um pouco de mim estava a morrer...a minha alma. Embora muito intuitiva na prática pedagógica, tinha uma necessidade intrínseca de aprender, de evoluir, de compreender determinadas situações - faltava-me o suporte teórico. Precisava de estudar, aprender mais, para fazer melhor. Especializei-me!

Chegou a altura de sair da casa mãe (de voar a quem ficarei grata o resto da minha vida). A minha saída da APPACDM, para a “rede pública” foi no momento certo. Concorri para o grupo 910 do Agrupamento Alexandre Herculano, onde me encontro presentemente.

“Capacitar famílias”, “intervir”, “práticas empáticas”, “trabalho em parceria” são algumas palavras-chave que coloquei em prática nos três anos seguintes em que tive o privilégio de trabalhar na Equipa de Intervenção Precoce de Santarém, com um grupo multidisciplinar fantástico, com o qual aprendi e cresci muito. De uma forma particular, gostei de fazer domicílios, onde se partilhava as pequenas conquistas das crianças, as alegrias e angústias das famílias. Existindo uma verdadeira relação de capacitação e parceria.

Após estes três anos, fui colocada num contexto diferente, na Escola Básica (hoje) do Mergulhão. Foi também uma experiência bastante gratificante, onde se construiu um trabalho diário

frutífero, em parceria com os diferentes agentes educativos, em prol dos alunos com NEE, com vista às suas aprendizagens e inclusão.

Enquanto pessoa e docente de Educação Especial, só tenho de dar graças por toda esta caminhada, que se revelou extremamente enriquecedora e apaixonante.

Com esta pequena reflexão concluo, com convicção, que a vida é um desafio permanente e o mais importante de tudo é ter saúde, encontrar serenidade no dia-a-dia e ser FELIZ!

Esmeralda Silva gosta de comunicar, de viajar e de rir.



Filipe Fernandes. Professor de Educação Especial.

Educação Especial... O essencial é invisível para os olhos

Alguém detentor de sabedoria disse, em tempos idos, que o caminho que por nós é traçado nos traz implicações memoráveis para todo o nosso percurso de vida, isto é, que nos influencia como uma premonição, que nos condiciona, que nos aprisiona a alma, que nos liberta, que nos mune com algo transcendental, que nos dá o que de melhor podemos ter: coexistir com e para os outros. O facto de termos ao nosso lado outrem que nos estende a mão, sem nada pedir em troca, que nos empurra nas escaladas, que nos ajuda nas descidas, na altura certa e sobretudo quando necessitamos dela, é percorrer a vida, o tal caminho traçado.

O nosso caminho, como profissionais da educação, é o mesmo que coexistir com o outro, para o outro e do outro, numa maneira biunívoca e intrínseca. Pensamos, agimos e refletimos numa

perspetiva inclusiva, construindo sem cessar “pontes” de afetos, entre os vários elementos que fazem parte da vida das nossas crianças, o meio, a escola, a turma e o outro. O homem é um ser social por excelência, move-se em vários contextos, e é nestes que temos que projetar competências, aferir estratégias, numa perspetiva inclusiva e funcional, para que haja luz na obscuridade do mundo.

Um legado extraordinário foi o livro de Antoine Saint-Exupéry, “O Príncipezinho”, onde o autor nos diz, a certa altura:” só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos”. Aprendemos melhor com quem amamos, com aqueles que nos deixam permanecer, que nos deixam existir sendo o essencial; o conhecimento, a relação, a partilha de saberes, o universo dos afetos e das emoções. Sei que a nossa comunidade não almeja ter a oportunidade única de aprender com a diferença, com os seus atributos inatos, singelos e puros, e certamente fica a perder. Perde porque não saboreia o outro lado de si... o diferente. Perde porque perde o que o outro sabe e lhe quer transmitir, quando lhe pede ajuda, partilha, parceria, inclusão, quando lhe pede que lhe dê o que é invisível para os olhos de quem teima em não ver o sentimento que nos une...o amor!

Há que aproveitar tudo o que o outro, que está mesmo ao nosso lado, tem para nos ensinar, transmitir, para que possamos ficar mais fortes e com um mundo interior mais enriquecido. Brancos, tagarelas, pretos, vermelhos, introvertidos, extrovertidos, apaziguadores, agressivos, santos, pecadores, silenciosos, calmos, apressados e tantos outros atributos, bons ou menos bons, que partilhamos no mesmo palco da vida. Por alguma razão não se vislumbram muros visíveis por aí, plantados aqui e acolá, como catos perigosos ostentando os atrativos picos.

Por alguma e por todas as razões, não são visíveis as barreiras, e as estradas não mostram o seu fim. Por todas as razões, existe um só coração que bombeia toda a vida, mas precisa da singeleza das outras vísceras para continuar a mantê-la, pois sozinho não é capaz. Aqui, onde as barreiras não são visíveis aos nossos olhos, onde a vida flui de maneira igualitária, sob as mesmas regras e leis,

onde todos sabemos que nascemos-vivemos-morremos, aqui há igualdade, quer a proclamemos, quer não.

Aqui todos somos iguais e aprendemos todos na mesma escola: a escola da vida, que é única em cheiros, sabores e saberes!

É única em vida!

Filipe Fernandes gosta de ensinar, de tocar guitarra e saxofone e de música.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com guache



Helena Sousa. Professora de Educação Especial.

Aqui estou eu...

Refletir sobre o meu trabalho na Educação Especial é olhar para o meu passado, para o que hoje acontece e acreditar que, se tiver futuro, é aqui que estarei.

Já lá vão quase três décadas, quando, por entre curvas e retas, árvores que ladeavam a estrada, permitindo sentir um odor puro e saudável, chegava a uma aldeia onde 25 crianças partilhavam comigo o dia-a-dia. De atividades em atividades, surgiam jogos, brincadeiras, sorrisos e afetos. Foi neste contexto que me encantei pelo trabalho com duas crianças que tinham particularidades distintas das outras. O que faziam, como faziam, porque faziam era um desafio muito estimulante. Não foi esta a minha primeira experiência, mas decerto aquela que decidiu o meu percurso.

Saltando um par de anos, a escassos quilómetros da terra onde nasci, tive o privilégio de trabalhar numa Associação (APPACDM)

que me proporcionou uma experiência muito intensa de trabalho com crianças e adolescentes. Foi importante partilhar e aprender com técnicos de diferentes áreas e, claro, com os pais e mães destes alunos. Dos alunos recordo os nomes, os “jeitos”, os sorrisos, as gargalhadas, os abraços (que bom ainda tê-los), mas também alguns episódios de desconforto por alguma doença súbita ou por algum comportamento descontrolado. Coisas que acontecem... Depois era lidar com a incerteza de não ter deixado nada por fazer, de poder fazer melhor! Esta inquietude é aquela que me tem acompanhado todos os anos!

Depois vim para a cidade. Entre instituições públicas, privadas, de solidariedade social, percorri estes ambientes educativos dando muito de mim. As crianças com problemáticas diferentes exigiam uma pesquisa e um trabalho diferenciado. Era preciso fazê-lo! Era preciso ir à procura de formação, nos livros, em Coimbra, em Lisboa, uns com os outros. Destes anos, recordo as relações de trabalho excelentes com elementos da Coordenação, Docentes, Assistentes Operacionais e Pais. Porque é preciso partilhar, observar, refletir, encontrar estratégias que promovam o bem-estar físico, emocional, social e o desenvolvimento das potencialidades destas crianças - e isso faz-se melhor em grupo!

Outra experiência muito significativa foi o trabalho na Intervenção Precoce: ir ao encontro da primeira infância. Pais fabulosos que me solicitavam para participar no momento impiedoso em que a realidade dos seus filhos era confirmada pelo médico.

Desses, e de todos os outros, recordo o amor implacável para com os seus bebés, crianças e jovens. Estes são GRANDES Pais!

Mudam-se as leis, as regras, os concursos, e regresso a outro meio rural. Aqui fiz grandes amizades! Assumi outras responsabilidades relativamente à organização das estruturas e encontrei um enorme conforto nas relações humanas. Os alunos são sempre excecionais! Tranquilos ou irrequietos, tímidos ou extrovertidos, teimosos e persistentes, alegres e meigos, desafiadores, imprevisíveis, num ou noutro adjetivo, aí estão todos! Que bom passar o meu tempo com eles!

E agora aqui estou! A dar diariamente o melhor de mim, sem nunca me esquecer que um dia ouvi estas palavras de uma mãe: “obrigada por fazer parte da vida da minha filha”. Que responsabilidade a minha...

Helena Sousa gosta dos dias de sol, de estar com a família e com os amigos e de viajar.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com tinta acrílica



Isabel Perdigão. Professora de Educação Especial.

Como cheguei aqui...

Desde pequena que adoro crianças; e o meu sonho era trabalhar com crianças... Ser Educadora de Infância!! Nos tempos de Liceu, eu e a minha melhor amiga partilhávamos ideias, gostos... E ambas adorávamos crianças, traçávamos planos para o futuro!

Quis o destino que os nossos percursos se invertessem: foi ela a Educadora de Infância.

Já passaram mais de três décadas desde que, a convite de uma professora (do então chamado “Ensino Primário”), pedi destacamento e tive o privilégio de trabalhar numa Associação - APPACDM de Santarém -, que, durante três anos, me proporcionou alguma estabilidade em termos de colocação e uma experiência inesquecível. Esta foi a primeira vez que trabalhei com alunos com Necessidades Educativas Especiais e mudou muito a minha vida.

Foi neste contexto que me entusiasmei pelo trabalho com crianças e adolescentes que tinham características distintas das outras com que já me tinha cruzado e trabalhado. O que eram, como aprendiam, como faziam, como reagiam, porque o faziam, era um desafio intenso, constante e estimulante. Foi muito importante o trabalho de partilha e de colaboração com técnicos das diferentes áreas, para uma aprendizagem pessoal e profissional, sem os quais seria muito difícil, ou impossível, levar a cabo atividades/práticas pedagógicas com sucesso. Dos alunos, recordo “mimos”, nomes, sorrisos, abraços, mas também alguma angústia, stress, perante situações desconhecidas ou imprevistas, para as quais não me sentia preparada para dar resposta imediata. Mas faz parte da vida... Era resolver da melhor forma possível ou pedir ajuda!

Como a vida não para, regressei à agitação. Madrugadas, viagens, um frenesim.... Novas escolas, novos alunos, novas experiências, novos projetos.... Mas agora muito mais atenta à eventualidade de alguns sinais de alarme que pudessem surgir.

O “bichinho” e a vontade de trabalhar com estes alunos ficou, e, anos mais tarde, logo que surgiu outra oportunidade, voltei a candidatar-me a destacamento, novamente na APPACDM de Santarém. Mais uma experiência muito intensa de trabalho, arrebatadora, que me ensinou, atraiu e empolgou, ao ponto de não mais ser, se é que alguma vez fui, indiferente a alunos com estas problemáticas.

E, de novo, de concurso em concurso, de escola em escola, de experiência em experiência!

Destes anos, recordo a experiência muito significativa que foi o trabalho desenvolvido no CAELMTejo (Centro de Área Educativa da Lezíria e Médio Tejo), onde acompanhei projetos desenvolvidos em escolas de todo o distrito, integrando alguns, alunos NEE. Percorri o distrito, conheci escolas e realidades diferentes... Mas, era preciso ter formação, procurando-a em livros, junto dos outros, ou aproveitando a que era proporcionada.

Relembro a participação em encontros nacionais para

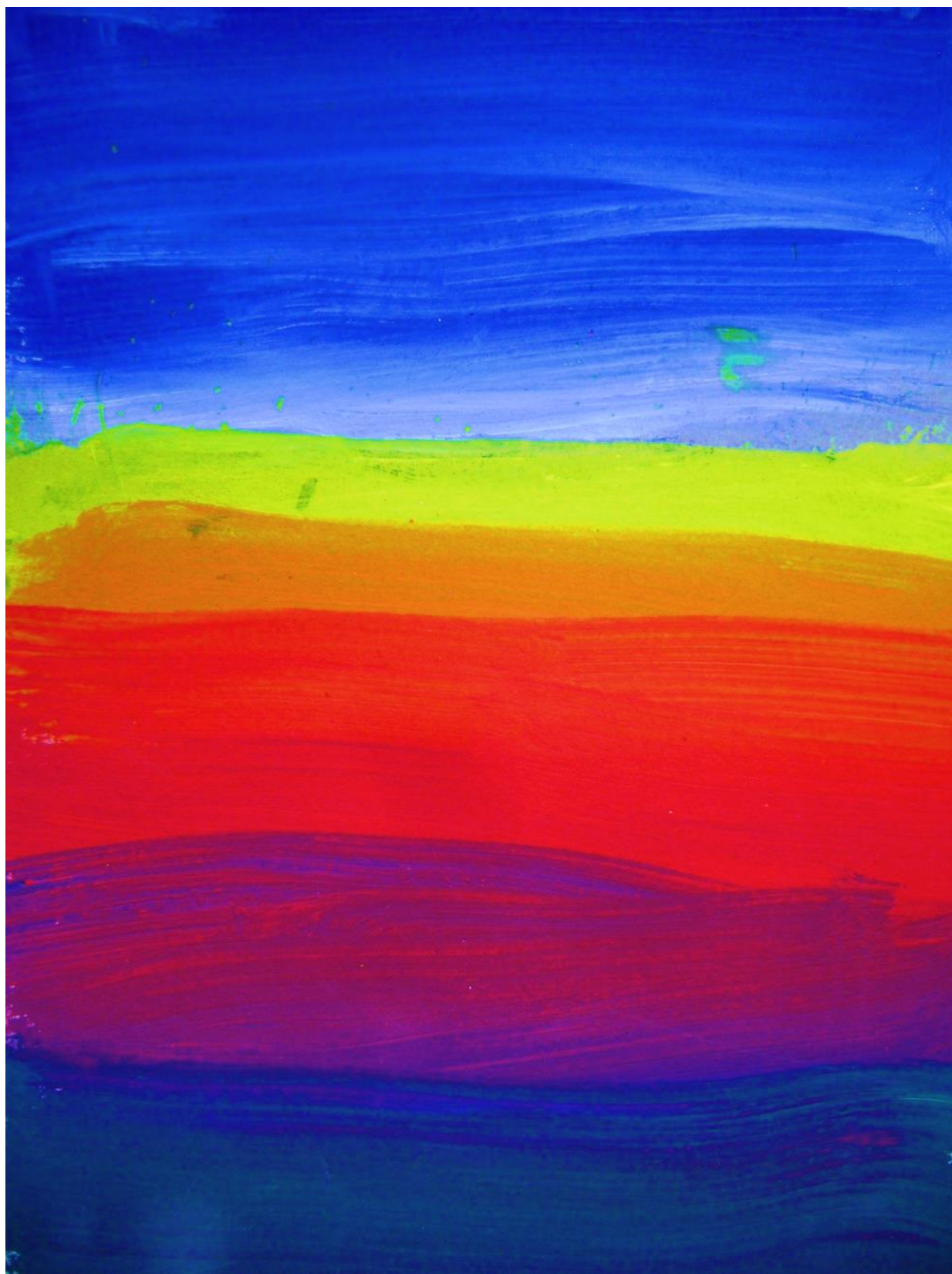
reflexão/partilha de experiências, as relações excelentes de partilha e de trabalho com colegas dos gabinetes, com pessoal administrativo, etc.

Saltando uns anos, eis que, por razões profissionais e por um sonho adiado, veio a especialização em Educação Especial! E com ela um trabalho mais intenso e permanente, até hoje, com crianças e jovens “especiais”.

E, por não ter medo, por gostar de aprender mais e melhor, por gostar de experimentar, cheguei aqui!

E estou a dar o melhor que sei e de que sou capaz, no apoio direto a alunos em contexto de sala de aula, no apoio supletivo, nas salas de dislexia e na Equipa de Avaliação da Educação Especial.

Isabel Perdigão gosta de chocolate, de pintar azulejos e de nadar.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congênita com tinta acrílica



J. Aluno que frequenta a unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

A culpa foi da sela

O J é um rapagão de barba em vias de ficar bem semeada, de constituição robusta e um olhar fugidio. Parece estar pouco à vontade na entrevista, uma vez que quem a conduz não faz parte do seu grupo de professores, e não é rapaz de grandes falas.

Tem 16 anos e prepara-se para completar mais um já em dezembro. Quando indagado sobre a prenda que gostaria de receber, encolhe os ombros e refere que não tem nenhum pedido especial a fazer, mas quando lhe sugerimos um telemóvel, o olhar ilumina-se e anui imediatamente, que nisto de tecnologias, não há adolescente que resista a um brinquedo tecnológico novo.

Nunca comprou nenhuma prenda para oferecer, mas não se importava nada de ofertar uma a um professor, por exemplo.

Gosta mesmo é de jogar futebol com os primos, em equipas de quatro contra quatro ou cinco contra cinco. Joga à frente, para marcar golos, e participa num grande *derby* uma vez por semana, num campo pelado. Quanto a desportos individuais, pratica ciclismo de jardim e deslocações ao café, numa bicicleta branca da qual nunca caiu (aliás, nem naquela nem em nenhuma, que nestas coisas de equilíbrio, ribatejano que se preze nunca o perde). Só confessa que usou rodas de aprendizagem na sua primeira bicicleta, mas por pouco tempo.

Gosta de todos os professores, que o “tratam bem”, mas há um pelo qual tem uma preferência especial: o professor de equitação. Gosta de cavalos e o “Ziano” é o seu preferido: limpa-o, dá-lhe palha e ração, cuidados que o Ziano agradece deixando-o dar umas voltas, mas atenção: nada de botas de montar, porque as sapatilhas também servem para a função. Ah, e também nunca caiu. Refere que se desequilibrou uma ou outra vez, mas a culpa foi da sela.

Gostou especialmente de participar numa atividade de confeção de pipocas para todos os colegas da sua escola, apesar de se contentar com o cheiro, porque não gosta de as comer.

Não tem nenhuma atividade preferida na escola, mas quando estávamos a terminar a entrevista surgiu o tempo de intervalo. E, obviamente, a sua agitação motora indicou-nos que provavelmente esta seria a atividade mais apreciada pelo J.

Não sabe o que vai fazer quando terminar a escolaridade, mas certamente o seu núcleo familiar cuidará dele. Afinal, com primos que chegam para fazer duas equipas, que mais se pode desejar?

A partir de uma entrevista efetuada por Sílvia Canha e Paulo Nunes em outubro de 2017.



Joana Justo. Fisioterapeuta.

A minha motivação

Na Educação Especial, o Fisioterapeuta desenvolve uma atividade diferente da que executa em contexto clínico. Aqui, o Fisioterapeuta avalia o desenvolvimento neuropsicomotor do aluno, identificando as suas dificuldades e atrasos ou alterações ao desenvolvimento normal. A partir daí, vai intervir de forma específica, visando a integração e o desenvolvimento destas crianças.

A intervenção do Fisioterapeuta no contexto escolar tem como principais objetivos: ajudar os alunos a desenvolver habilidades que aumentem a sua participação ativa e independente no ambiente escolar, que permitam a interação social e a troca de experiências com o meio que os rodeia; capacitar as equipas educativas para as particularidades de crianças e jovens com

alterações neuromotoras; e modificar os contextos, tornando-os acessíveis e funcionais.

Trabalhar na Educação Especial revela-se um desafio constante: pelos casos que me surgem, cada aluno é um aluno com as suas capacidades e limitações específicas, sendo o trabalho individualizado e direcionado ao mesmo; o contexto em que tenho de atuar, com as suas características específicas, tendo de me adaptar aos diversos meios escolares onde atuo; pelas condições em que tenho de trabalhar, não sendo sempre as mais adequadas, nem com o material adequado; o tempo escasso para o apoio a cada aluno.

Muitas vezes, tendo em conta todos estes fatores, surge a frustração. A frustração de que o que faço não é suficiente, não chega, era necessário mais tempo, mais apoios e melhores condições, era preciso que todos os que rodeiam estes alunos estivessem mais despertos e sensibilizados. A frustração de sentir que nem sempre consigo fazer o melhor para obter também o máximo potencial do aluno com que estou a trabalhar.

Mas existem situações que nos mostram que um longo caminho já foi percorrido.

Numa das minhas viagens conheci uma família (um casal com um filho) que me acolheu para passar uma noite na sua casa. Quando comecei a brincar com o filho do casal, rapidamente percebi que este tinha um atraso de desenvolvimento. Não foi possível perceber se existia algum motivo para tal ou se se tratava apenas de falta de estimulação motora, pois a comunicação era impossível, porque não falavam inglês, e por mais que tentasse por gestos, não nos conseguíamos entender. E ali fiquei com ele a brincar, a pensar que esta criança nunca terá a mesma oportunidade que as outras, pois vive numa aldeia de um país onde ainda há muito poucas pessoas atentas a estas problemáticas, não existindo uma resposta a este nível.

Fiquei a pensar qual será o futuro desta criança, e, sem respostas, apenas me veio à cabeça que independentemente de todos os

obstáculos diários que enfrento, e de que tantas vezes me queixo, estou- ou melhor, estamos, porque somos sempre uma equipa a atuar, a trabalhar para algo, existe uma resposta concreta aos alunos que nos vão surgindo e que necessitam do nosso apoio - a fazer alguma diferença na vida deles, estamos a tentar potenciar ao máximo a sua funcionalidade e as suas capacidades.

E sim, existe sempre algo mais a fazer, a melhorar, mas o caminho faz-se caminhando passo a passo...e nós já vamos no trilho.

Joana Justo gosta de viajar, de cozinhar e de fazer exercício físico.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congênita com tinta acrílica



Joana Lima. Professora de Educação Especial.

Ser uma professora “Especial”

Ser Professora de Educação Especial

É muito pertinente.

Dá resposta às necessidades especiais

De carácter permanente.

Trabalha com alunos

Com necessidades diferentes.

Não escolhe sexo nem idade,

Alcança toda a gente.

Este trabalho não é fácil,

Envolve uma equipa multidisciplinar,
Colegas, famílias, crianças, técnicos,
Médicos, psicólogos terapeutas e pessoal auxiliar.

Responde adequadamente
E de forma individual,
Elabora referência, RTP e PEI,
A documentação essencial!

É uma profissão
Em busca de conhecimentos.
De pesquisas constantes,
De doenças, técnicas e tratamentos.

É-se professor, amigo, confidente,
Apoia-se com o coração,
Tanto os alunos como as famílias,
É esta a missão!

Para esta profissão,
Só deve vir quem gostar,
Com alunos e famílias
Em equipa trabalhar.

Existem diferentes grupos
De Educação Especial,
Mas todos os grupos trabalham
Em prol da inclusão!

É necessário ter em conta
Que estes alunos são crianças.
E todas as opções tomadas
Irão provocar mudanças

Quer no publico ou no privado,
Desde a intervenção precoce ao secundário,
Qual será a colocação?
É sempre o mesmo fadário!

Chega a uma nova escola
E lá tem de se adaptar,
A colegas, alunos e famílias,
Para começar a trabalhar!

Pode ser bem recebido
E logo bem integrado,
Mas quando há dificuldades,
Tudo parece arruinado.

Há que encontrar morada,
Um sitio para ficar,
Lá anda a contratada,
Com a casa para organizar.

Lá começa mais um ano,
Com novas companhias,
A distância e as saudades
Da morada de todos os dias.

Passados alguns meses,
Até começa a gostar!
Chega o final do ano,
E lá tem de mudar.

No entanto, é por gosto
Que não desiste de nada.
Este foi um desabafo
De uma “Especial” contratada!!!!

Joana Lima gosta de estar com amigos e família, de passear e de cozinhar.



Lucília Silva. Professora de Educação Especial.

Amor maior

Chegou Setembro. Um mês agitado. Dar continuidade às crianças do ano anterior. Grande alegria, mais um ano com os meus meninos.

Entra na sala dos 3 anos um menino pela mão da sua mãe. Ia integrar o J.I. pela primeira vez.

A mãe conversou com a colega titular da sala, despediu-se do seu filho com um olhar triste e preocupado, dizendo: “até logo, a mãe vem buscar-te”.

O menino não chorou, não falou, deslocou-se à volta da sala, fez tudo o que lhe mandaram, logo no primeiro dia e sem chorar.

- “Boa”, dizia a educadora, “ou então vai chorar no 2º ou 3º dia, é o normal”.

À hora da sesta, aparece a educadora a chamar-me com um ar muito apreensivo: “vem cá ver este miúdo novo, ele não fala e está a contar, a contar, já nem sei em que numero vai e não olha para mim.” Experiência de muitos anos a falar.

Passei a estar atenta ao menino novo, até porque a sua educadora não me dava outra hipótese.

O menino novo era um menino grande e de grandes e lindos olhos, robusto, sem ser gordo, um pouco desengonçado no seu andar, mas era muito harmonioso e doce. Mas não brincava com os amigos no recreio, ficava parado ou andava à volta da vedação.

-“Olha, sabes, o menino novo sabe o alfabeto, as cores e os números em português, espanhol e inglês, mas ele é estranho, não brinca, repete o que eu lhe digo e adormece a contar.”

Chegámos a dezembro, com uma referenciação da educadora para o menino novo, “porque ele era estranho, sabia mais do que os meninos da idade dele, mas não brincava, não conversava, mas até sabia falar inglês e espanhol”.

Janeiro, reunião com os pais. Os pais chegaram: o pai, um homem alto, de fato e gravata; a mãe, menos alta e mais afável, pois até já nos conhecíamos. Fui mais ouvinte do que interveniente, gosto sempre de ouvir o que os pais têm a contar sobre o seu amor maior.

- “O João (nome fictício) nunca brincou com outras crianças, porque nós não temos crianças na família, mas eu também brincava muito sozinho - dizia o pai -, o difícil lá em casa é tirá-lo da banheira, porque ele faz birras terríveis, porque não quer sair - dizia a mãe. Ah, e também não gosta de festas de aniversário, chora e tapa os ouvidos quando se canta os parabéns, mas, sabem, ele aprende com muita facilidade, sabe contar, sabe as cores, sabe o alfabeto em mais do que uma língua. Eu acho que esta dificuldade que ele tem é de nunca ter convivido com outras crianças, e nós achamos que ele é sobredotado...”

Ups, e agora? - pensei eu.

Demos umas estratégias àqueles pais fantásticos, que tinham um filho fantástico, meigo e doce e que sabia tantas coisas para um menino tão pequeno. Obtive autorização para trabalhar com o seu amor maior.

Voltámos a reunir com os pais, sugeri que o seu amor maior fosse observado pelo Dr. X, os pais acederam, marcaram a consulta. Semanas antes da consulta, pediram-me se os acompanhava. Eu fui, mas não queria ir, porque sabia que eles viriam com um diagnóstico muito diferente do que esperavam, e eu teria de viver também aquele momento de dor, de angústia. Aquela dor que não era minha!

Não pronunciámos muitas palavras durante o trajeto de Lisboa até Santarém. As palavras seriam inúteis e amanhã seria outro dia.

O nosso amor maior cresceu muito, muito, e aos cinco anos entrou no primeiro ciclo do ensino básico.

Tantos e tantos amores maiores guardo na minha memória e no meu coração.

Lucília Silva gosta do sol, de ler e de viajar.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com gesso e tinta acrílica



Maria La Salette Gomes. Professora de Educação Especial a desempenhar funções na Equipa Local de Intervenção.

NiNi e o oceano gigante

A Tété era uma estrela-do-mar que vivia no oceano mais bonito que alguma vez foi visto. Foi sempre muito feliz, airosa e vistosa. Muito bonitas, as suas cores vivas. Nenhum, dos que habitava o fundo do mar lhes era indiferente. Adorava brincar com os amigos e amigas de todas as espécies marinhas, todos gostavam dela e ela gostava de todos. A sua vida era perfeita.

Um dia num dos seus passeios matinais, deu de caras com a estrela-do-mar mais bonita e engraçada que alguma vez tinha visto. O seu pequeno coração quase saía disparado. O que ela não sabia, é que estava a provocar o mesmo efeito na estrela-do-mar avistada. Ora, ainda que envergonhada, a estrela-do-mar aproximou-se da Tété e rapidamente deram os braços e foram à descoberta um do outro, num bailado sincronizado, que não necessitou de ensaio ou uma qualquer instrução. Estavam apaixonados. Faziam o casal de

estrelas-do-mar mais lindo de todos os oceanos. Todas as criaturas marinhas gostavam deles, sentimento recíproco, aliás.

Muitas manhãs de bailado, naquele maravilhoso mundo aquático se passaram. Eis que nascem os seus primeiros filhotes. Que alegria! Tão lindos! Herdaram as características mais belas de cada um dos jovens papás. Cores lindas e brilhantes, braços longos, enfim tantos e todos tão perfeitos, diziam todos aquando das visitas ao jovem casal.

A garoupa sabichona, não podia deixar de conhecer os mais belos e jovens seres do oceano. Não se falava de outra coisa! De facto eram lindos, todos muito espertos, traquinas, brincalhões, eram mesmo engraçados, mas... uma muito bonita, ainda que mais pequenina que todas as outras, estava muito quietinha no seu berço de algas lindo e fofinho.

A garoupa foi logo tentar brincar com ela, parecia triste. A estrelinha não reagiu, não olhava para ela, também não chorou, não fez nada. A garoupa achou estranho e alertou logo a Tété:

- Algo se passa com aquela pequena!

- Não é nada, deve estar com sono, retorqui a Tété.

A Tété já tinha reparado que havia um dos seus bebés que parecia ligeiramente diferente. O seu corpo era mais mole do que o dos irmãos, tinha os olhos baços, não sorria, não brincava. Contudo, pensava que ele havia de crescer e tornar-se uma bela estrela-do-mar como todos os seus irmãozinhos, só precisava de um pouco mais de amor. Tudo se resolveria.

O peixe palhaço resolveu fazer também a sua visita. Demorou muito a chegar pois quando recebeu a notícia do nascimento do ano, estava do outro lado do oceano, que era muito, muito longe. Ao ver a bela Tété a brincar com os seus filhotes e a ensinar-lhes todos os truques de sobrevivência, ficou muito feliz, foi uma alegria rever a Tété, assim tão contente. Reparou então que andava sempre mais próxima de um estrelinha do mar do que das outras que já estavam praticamente autónomas. Questionou o motivo daquela

proteção, ao que a Tété respondeu que era uma questão de tempo e atenção, desvalorizando o assunto.

Pois, o peixe palhaço é que não ficou nada convencido, já tinha visto muitas criaturas marinhas e via ali algo mais do que a Tété. Depressa convocou os mais experientes e sábios na área da educação e desenvolvimento de criaturas marinhas, que lhe fizeram uma pequena grande visita. É que descobriram que a pequena estrela-do-mar sofria de uma patologia rara e que se não fosse ajudada muito rapidamente não sobreviveria.

A Tété sentiu sobre si todo o peso das águas profundas do oceano. Chorou, chorou, chorou muito. Com era possível? Onde é que falhei? Porquê o meu bebé? Tantas perguntas surgiram na cabeça da Tété, que já nem se lembra de todas. Ficou três dias enrolada sobre os seus próprios braços, sem comer nem beber.

O Kiko (seu amado), estendeu-lhe os seus braços e unidos sem que fosse preciso dizer algo, decidiram procurar os melhores especialistas de todo o oceano, pois só assim podiam salvar a sua bebé.

Os melhores especialistas reuniram, avaliaram e iniciaram a sua intervenção. Todos unidos, aplicavam da melhor forma que sabiam, as suas técnicas de capacitação e nadavam na mesma direcção. Era um trabalho exaustivo, de equipa, cansativo, por ser contínuo, sem hora de descanso. A Tété nunca mais dormiu sossegada, nem bailou com o seu amado, sem ter de levar com ela a sua frágil cria, de seu nome Nini. A Nini lá ia reagindo, aos poucos adquiria algumas competências, que por vezes, perdia no dia seguinte. Que frustração para a Tété. À noite chorava uma e outra vez. Porquê? Será que vamos conseguir? O que podemos melhorar e como? As noites da Tété deixaram de ter o aconchego do seu Kiko, e passaram a embalar sucessivamente a Nini. Estava esgotada, nervosa, ansiosa, não via o fim daquele pesadelo.

Durante o dia a Nini passou a frequentar a escola inclusiva de criaturas marinhas. Os técnicos que acompanhavam a Nini aconselhavam a Tété a distrair-se e aproveitar a vida, enquanto

decorriam as aulas da Nini. A Tété tentava, mas depressa vinham ao seu pensamento todas as tarefas que tinha de fazer, para que ao fim do dia estivesse pronta para receber a Nini e continuar a sua terapia. Quantas vezes nadava em equipa com os tais que supostamente percebiam do assunto, os tais técnicos, professores e todas as criaturas que podiam ajudar. A Tété daria a sua própria vida para que a Nini recuperasse, no entanto, não podia ser. Porquê?...

Todos os seus outros filhos haviam conseguido autonomia, eram tão felizes quanto ela havia sido.

A vida da Tété mudara para sempre. A Nini não tinha um botãozinho onde desligasse, ou mesmo colocasse em pausa.

Até que Tété decidiu que não deixaria de bailar no oceano, explorar o que ainda não vira, conviver com os seus amigos. Foi buscar força nem ela sabia onde. Todos os dias quando a Nini chegava da escola, davam os braços e nadavam por esse mar infinito, bailavam e conheciam criaturas de todas as espécies. Todos se encantavam com elas. A pequena Nini já nadava quase sozinha, nadava de uma forma graciosa, técnica descoberta por ela. Só a Nini sabia nadar assim, espantoso! Até o seu amigo Cavalo-marinho a levava a passear e a Tété ficava deliciada a ver como a sua Nini fazia parte daquele oceano imenso.

Tété percebeu finalmente que precisava de todos e que todos precisavam dela e da sua Nini. O oceano aceitou a Nini e incluiu-a no seu todo. Desde esse dia todas as “Nini`s” saíram do seu “ninho”, mostraram-se ao mar e vivem felizes entre todos.

É esse oceano gigante que buscamos, sempre e em toda a parte.

Esta estória percorreu todo o oceano e todos a tomam como exemplo. Foi-me contada por uma pequena sereia, numa noite quente de verão em que o luar iluminava a Terra, o Mar, Universo e arredores...

... Um beijo grande a todas as “Tété`s” , “Kiko`s” e Nini`s” , estarei sempre algures, pronta para ajudar no vosso maravilhoso bailado

da vida, só assim aprenderei, também eu, a bailar cada vez melhor...

Maria La Salete Gomes gosta da sua família, de cozinhar e comer e de conviver com amigos.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com tinta acrílica



Maria Ribeiro. Professora de Educação Especial.

Baú de memórias

Em pequena, uma das minhas brincadeiras preferidas era “brincar às escolas”. Sempre quis ser educadora de infância, mesmo quando não conhecia a profissão. Hoje vejo o tempo de brincar já longe e tenho a certeza de que não poderia ser outra coisa.

Há já algum tempo, li o testemunho de uma educadora de infância, que me inspira e que nunca me canso de reler. Dizia ela: “Sou educadora de infância. Em que outra profissão te abraçariam para te dizer o quanto gostam de ti? Em que outra profissão te receberiam de braços abertos por teres faltado um dia? Em que outra profissão poderias iniciar na escrita uma mãozinha que, quem sabe, um dia poderá escrever um livro? Estes e outros são, sem dúvida, aspetos muito gratificantes no trabalho de um educador/professor”.

E enquanto a vida corria, eu aprendia e conhecia cada vez mais um

bocadinho a minha profissão. Um dia foi-me atribuído um grupo de alunos do qual fazia parte uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Foi a partir daí que nasceu em mim uma nova paixão, a Educação Especial. Percebi que, se trabalhar numa sala de ensino regular é extremamente gratificante, trabalhar com crianças com NEE consegue sê-lo ainda mais, pelos pequenos (grandes) êxitos que alcançamos a cada dia que passa.

Chegar ao final do dia e poder dizer aos pais de uma criança com problemas de mobilidade “ele hoje deu uns passinhos!”, ou mostrar o desenho da figura humana de um aluno que durante muito tempo só conseguia fazer rabiscos, são pequenos “nadas” que nos enchem o coração e diluem os contratempos que por vezes nos surgem.

Como diria uma colega, docente do 1º ciclo, já aposentada, “assim me fiz oficial do ofício de professor, é um ofício que exige muito amor, muita abertura ao outro, muita vontade de partilhar, muito entusiasmo...”

É este entusiasmo que me faz gostar de partilhar algumas situações, sérias e menos sérias, que acontecem no dia-a-dia com os meus alunos e que me sugeriram aqui contar.

Remexendo no sótão das minhas memórias, lembro-me de, por exemplo, um dia pedir a um aluno que escrevesse a palavra “menino”. Um pouco hesitante foi escrevendo: “me...”

Insistindo, ia-lhe dizendo:

- Vá, tu consegues! A seguir é um...

E ele escreveu : ”me 1”

Numa visita de estudo, quando chegámos à porta de um edifício, estava escrita a palavra “puxe”. Uma aluna perguntou o que estava escrito na porta. Aproveitando a oportunidade para uma aula de Português, perguntei:

-Qual é a primeira letra?

A aluna foi identificando e juntando as letras. Ao chegar ao "x", disse com a maior veemência:

- Já sei: "puxina".

Numa aula de matemática, ao resolver um exercício, perguntei a um aluno:

- Tens aqui 5 rebuçados; se eu te der mais 3, com quantos ficas?

Ao que me responde:

- Oh professora, 5 chegam. Não quero mais. Não vês que isso faz mal aos dentes!?

Estes são alguns registos, de tantos mais que ocorreram ao longo da minha vida profissional, uns bons e outros menos bons, muitos desafios e muitas emoções que me têm ensinado, um bocadinho mais todos os dias, a ser educadora de infância, como sempre quis.

Maria Ribeiro gosta de ler e ouvir música, de passear com a família e de petiscar com os amigos



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com tinta acrílica



Patrícia Henriques. Professora de Educação Especial.

Como tudo aconteceu...

Quando decidi tirar a pós-graduação em Educação Especial, foi por já ter trabalhado com crianças com necessidades educativas especiais na minha formação de base. Ficou um bichinho em mim, que teria muito mais para dar a estes miúdos, pois dentro das limitações deles, sejam elas quais forem, eles merecem as mesmas oportunidades.

Com este género de alunos, temos que adotar práticas inovadoras e estratégias de intervenção eficazes, de maneira a contribuir para o sucesso a todos os níveis destas crianças. Este processo de mudança, para poder ser implementado com sucesso, exige dos professores uma atitude dinâmica e a capacidade de reconhecer a necessidade de traçar planos formativos, ao longo de toda a carreira docente. Falamos todos muito e nem sempre agimos, ficamos só mesmo pelas palavras. É tudo muito “giro” quando

falamos da inclusão e das mesmas oportunidades para todos, mas isso não é bem verdade, infelizmente.

Revolta-me como a sociedade pratica esta inclusão. Uma sociedade inclusiva é aquela que tem salas de aula inclusivas, bibliotecas inclusivas, acessos inclusivos, projetos inclusivos, etc.

A educação é um direito de todos e deve ser orientada no sentido do pleno desenvolvimento e do fortalecimento da personalidade.

O respeito pelos direitos e pelas liberdades humanas é o primeiro passo para a construção da cidadania e deve ser incentivado.

Logo, a educação inclusiva significa educar todas as crianças num mesmo contexto escolar. A opção por este tipo de educação não significa negar as dificuldades dos estudantes. Pelo contrário, com a inclusão, as diferenças não são vistas como problemas, mas como diversidade. É essa variedade, a partir da realidade social, que pode ampliar a visão do mundo e desenvolver oportunidades de convivência a todas as crianças.

Preservar a diversidade apresentada na escola, encontrada na realidade social, representa uma oportunidade para o atendimento das necessidades educacionais, com ênfase nas competências, capacidades e potencialidades do educando.

Por estas razões é que trabalho no sentido de haver uma plena inclusão dos meus alunos, o que nem sempre é fácil, pois não depende só de nós.

Patrícia Henriques gosta de rir com as suas filhas, ir a um bom restaurante e viajar.



Paulete Pereira. Professora de Educação Especial.

Um ano em Santarém

Este ano letivo, fiquei colocada em Santarém e fiquei muito surpreendida com a receção calorosa que tivemos na Ribeira. A escola proporcionou-nos um convívio muito acolhedor e criativo.

Não conhecia esta cidade, nem a sua riqueza de património cultural. Tendo na minha formação a cadeira de Património Cultural, não resisti a contemplar a lindíssima Igreja de Santa Clara, o Convento de S. Francisco, a Igreja do Seminário, a Igreja da Graça e a Igreja do Milagre.

Levo na memória desta escola o sorriso dos meus alunos, a quem dediquei o meu profissionalismo e o meu empenho. Tentei ao máximo aproveitar as suas capacidades e desenvolver as suas competências, para que me sentisse realizada profissionalmente. Sentirei saudades do convívio, da partilha de atividades e de conhecimentos com alguns colegas, o que foi uma mais-valia para a

minha vida profissional.

Agradeço a todas as pessoas que participaram de forma cooperante e com espírito de equipa em projetos, trabalhos e atividades pedagógicas dos quais fiz parte. Fico grata às pessoas que me acolheram de forma a fazer-me sentir uma parte de um todo.

Assim, Santarém, a capital do gótico, ficará na minha memória de forma positiva e muito construtiva.



Paulo Nunes. Professor de Educação Especial.

O relatório em falta ou os meus heróis a quem nunca disse que o eram

Entre os professores, é comum a perceção de que existe um desconhecimento generalizado acerca dos processos que estes desenvolvem na atividade pedagógica com os alunos, tanto na sua preparação como na sua implementação ou avaliação.

Para um observador externo – um encarregado de educação, um jornalista, um comentador televisivo, o senhor da loja da esquina ou um político, entre outros e sem desprimor para nenhum –, ensinar é estar na sala de aula, e tudo o que contribui para que a relação pedagógica de proximidade aconteça é algo difuso e pouco relevante para este procedimento.

Assim, a planificação das atividades é algo que se materializa sem esforço, a preparação dos temas e a pesquisa que é necessário efetuar para que estas ocorram de forma consequente faz-se num

ápice, os materiais que é essencial criar surgem a partir de um qualquer baú mágico, e o controlo administrativo, que se manifesta, entre outras formas, através dos relatórios que são exigidos, não passam de perenes momentos de ocupação do tempo profissional, sem consequências na nobre atividade do docente.

No que diz respeito à Educação Especial, por vezes acrescenta-se a expectativa, aliás compreensível, que, através de um conhecimento oculto e dificilmente transmissível entre pares, o docente consiga descobrir para alguns alunos formas de tornar irrelevantes as dificuldades que estes manifestam e que derivam da sua condição clínica ou ambiental.

É minha convicção que nas últimas décadas se assistiu a uma transformação da relação do professor com a comunidade educativa, em que este basicamente respondia perante os alunos e suas famílias relativamente ao produto do trabalho que desenvolvia. Como retorno, recebia eventualmente a admiração dos seus alunos e o reconhecimento dos pais e, genericamente, da sociedade.

Presentemente, e de um modo geral o professor é vislumbrado quase unicamente quando é necessário reclamar, o que em casos extremos se faz sob a forma de agressão verbal ou física, e quando se é chamado porque o educando participou num evento com consequências disciplinares.

Entre diversas causas, quem se debruça sobre esta temática refere a transformação da atividade docente para uma lógica de funcionalismo, em que o professor é apenas uma das peças da engrenagem em que se transformou o sistema educativo, com metas, rácios, indicadores de qualidade, operações de marketing e rankings nacionais e internacionais. Nada diferente, portanto, de uma atividade comercial ou industrial.

A valia da atividade do professor é aferida através dos resultados das provas de aferição e dos exames nacionais, do "sucesso escolar" dos alunos da sua turma ou do seu grupo, do número de alunos que consegue fazer chegar aos "quadros de honra ou de excelência" e

controlada através dos processos burocráticos que lhe são impostos sob a forma de obrigatoriedade de preenchimento de formulários internos ou externos ao seu agrupamento de escolas, assim como dos relatórios que enxameiam os locais de trabalho dos docentes, tarefa efetuada geralmente em casa porque no local de trabalho não há nem condições materiais nem temporais para os elaborar na globalidade.

A este propósito, há dias tive a curiosidade de efetuar um levantamento dos documentos internos que neste momento são mobilizados pelos docentes de Educação Especial do nosso agrupamento e, para memória futura, aqui os enuncio: Registo das datas da referenciação à aprovação do PEI; Relatório de referenciação; História pessoal e familiar; Roteiro de avaliação; Preparação da reunião individual (Pré escolar); Preparação da reunião individual (Ensino Básico); Assinatura dos intervenientes; Relatório técnico-pedagógico; Programa Educativo Individual; Reformulação do Programa Educativo Individual; Atualização do Programa Educativo Individual; Currículo Específico Individual; Avaliação do aluno CEI (1.º Ciclo); Avaliação do aluno CEI (2.º e 3.º Ciclos); Plano Individual de Transição; Grelha de planificação de Educação Especial; Acompanhamento do Programa Educativo Individual; Relatório circunstanciado; Relatório de atividades do docente; Relatório de atividades do docente – salas de dislexia; Calendarização da articulação com os técnicos; Mapa de apoios terapêuticos e Mapa de acompanhamento de alunos não referenciados com necessidades educativas especiais.

A estes devem juntar-se os que são produzidos a partir dos acima referidos, como síntese de período ou de ano letivo, e ainda os levantamentos de dados que são solicitados pelos serviços centrais do Ministério da Educação, os quais frequentemente requerem a introdução de informação que já havia sido descrita no mesmo ano letivo noutro formulário solicitado por departamento diferente.

Este panorama não é específico do nosso agrupamento: visitem-se muitos outros e tudo lá está presente.

O observador atento concluirá que o que interessa é o processo. Há

que registrar, medir, descrever, computar, como se a simples existência das evidências justificasse os processos que se desenvolvem e os recursos que são utilizados.

Os professores são uns românticos.

É-lhes ensinado, na formação inicial, que quem importa são os alunos e que o trabalho que desenvolvem os tem sempre como destinatários únicos do seu empenho e da sua perícia. Que a máquina institucional está ao seu serviço, em vez de serem, em medida significativa, eles que alimentam aquela máquina.

Os professores de Educação Especial exageram na quantidade de romantismo.

Vá lá saber-se porquê, consideram em determinada fase da sua vida profissional que, para além da formação inicial, devem efetuar formação complementar, geralmente paga do seu bolso, que lhes permite trabalhar com alunos mais desafiadores, por dificilmente se ajustarem ao enorme processo de normalização pedagógica que é a escola.

Optam por ter trabalho acrescido, que não se coaduna com as exigências de uma turma do “ensino regular”, visto que cada aluno é diferenciado relativamente às exigências de preparação e de implementação da atividade pedagógica.

Optam por ser alvo fortuito da incompreensão de outros colegas, quando consideram que os alunos da Educação Especial são da única responsabilidade dos docentes da Educação Especial.

Optam por usufruir da ocasional incompreensão de alguns encarregados de educação, os quais atribuem à lenta aquisição de competências dos seus educandos uma qualquer inabilidade pedagógica dos docentes.

Optam por sentir as pressões do sistema de ensino, o qual, buscando a “melhoria das estatísticas” e “um melhor aproveitamento dos recursos”, considera que mais e melhor pode sempre ser feito para que alguns destes alunos, ainda que não possuam competências cognitivas similares, alcancem os

patamares de aprendizagem dos seus colegas.

Observo há anos colegas que se esgotam no empenho que colocam na sua atividade. Que sofrem pelos seus alunos quando “o ambiente” os negligencia. Que se revoltam quando a indiferença da sociedade bloqueia os seus esforços de inclusão em atividades de preparação para a vida ativa. Que procuram fazer da carência de materiais e de instalações locais aprazíveis para os alunos e que constituirão, para alguns, a melhor época da sua vida. Mudam fraldas ou administram alimentação parentérica, se necessário. Lutam por soluções arquitetónicas e adequação de materiais e instalações em escolas concebidas para alunos homogêneos, funcionais e com fácil mobilidade.

Antevejo a sua preocupação pelo futuro dos “seus” alunos quando estes estão prestes a abandonar a escola. Excetuando a família, quem os acolherá? Que condições de vida terão? Que instituições se vão preocupar hora a hora com o seu bem-estar e com a sua realização?

Falta, portanto, um relatório.

Aquele em que estes professores possam descrever as alegrias e as tristezas pelas quais passaram durante o ano letivo.

Em que possam dizer que lhes doem as costas ou os braços. Que gostavam de ter melhor iluminação na sala ou uma cadeira mais confortável que a de madeira lascada em que se sentam durante mais de quarenta anos. Um relatório em que não fossem obrigados a descrever o cumprimento das metas, dos objetivos e dos processos.

Ou que lhes dói a alma, seja isso o que for, porque os seus alunos mereciam melhor sorte. Um relatório, por fim, em que pudessem escrever “dei o melhor de mim este ano; e no próximo voltarei a dar”.

São estes os meus heróis a quem nunca disse que o eram.

Até agora.

Paulo Nunes gosta de Citroen 2CV, de livros e da chama imensa.



Raquel Duque. Professora de Educação Especial.

Recomeçar

Setembro é o mês que marca o regresso à escola, que marca o recomeço. Para muitos professores, como eu, que ainda não vincularam, marca também a entrada numa nova escola.

Persiste a vontade de trabalhar nesta profissão, de chegar e conhecer outras dinâmicas, colegas e, principalmente, os alunos. Escolas diferentes entre si, mas com algo em comum: a entrega e a resiliência dos seus professores na dedicação aos alunos.

O trabalho na Educação Especial veio alicerçar ainda mais esta vontade de continuar no ensino. O trabalho e a entrega aos alunos tornam-se fundamentais para que a sua inclusão seja efetivamente respeitada, conhecendo bem as suas áreas comprometidas e as suas áreas fortes, encontrando as ferramentas mais indicadas para os ajudar no seu percurso escolar.

Mas na escola, acima de tudo, estimam-se as relações humanas, tal como Rita Pierson afirma com frequência nas suas comunicações.

A ligação que se estabelece com os alunos é muito gratificante, vendo a sua satisfação, porque evoluíram na aprendizagem, na inclusão no grupo, no seu crescimento.

Recordo-me bastante de um aluno, que tive há uns anos, com Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, que se manifestava essencialmente através da falta de atenção e de concentração, inquietude, impulsividade, dificuldade em terminar tarefas e até alguma agitação motora.

No contexto de sala de aula, diversificaram-se as estratégias de aprendizagem. A título de exemplo, nos momentos de leitura orientada de obras do programa, facultava-lhe, sempre que possível, adaptações das mesmas em BD. Tinha, também, o apoio individualizado, onde adotei um cariz muito prático.

Em conversa, confidenciou-me que era ele que cozinhava, por necessidade – provinha de uma família monoparental e a mãe estava muito tempo fora de casa - e por gosto pessoal. Conteí-lhe que o chef Jamie Oliver era disléxico, mas que essa particularidade não o impediu de ser uma figura de referência na cozinha a nível mundial. O aluno entusiasmou-se bastante com este exemplo de vida. Daqui nasceu, então, uma habitual troca de receitas, que me permitia regular a expressão oral e a escrita, criando-se uma empatia que se revelou positivamente nas suas atitudes na escola.

Foi de tal forma positiva esta abordagem que, quando a Biblioteca Escolar dinamizou um Concurso de Poesia, desafiei-o a participar. Aceitou de imediato e elaborou um poema alusivo aos avós, elementos familiares muito importantes para ele, mas que se encontravam geograficamente distantes. Ajudei-o nas devidas correções morfosintáticas e o poema foi a concurso, acabando o aluno por receber o 1º prémio.

Os alunos são a verdadeira motivação para trabalhar na Educação Especial e recomeçar...

Raquel Duque gosta de viajar, de conversar e de ler.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congênita com tinta acrílica



Sílvia Canha. Professora de Educação Especial.

Tudo começou assim ...

Há muitos, muitos anos, era eu uma rapariga nova e com dois filhos pequenos para criar, quando as horrendas colocações de professores me afastaram da minha casa - e isto de andar sozinha por esse país fora com dois filhos atrás é complicado, porque *“uma mãe consegue sempre fazer tudo”*, mas se tiver ajuda faz tudo muito melhor!!! Por isso, decidi candidatar-me a um lugar de destacamento na APPACDM de Santarém para, dessa forma, poder ficar a trabalhar junto de casa, dando uma maior estabilidade aos meus filhos e conseguir a tal ajuda - sim, porque *“uma mãe não é de ferro”*...

Foi então que, no bom ano de 1992/1993, tive a minha primeira experiência com alunos com Necessidades Educativas Especiais, experiência essa que me encantou, entusiasmou e seduziu, de tal maneira que nunca mais abdiquei de trabalhar com esta população. Não sei bem porquê, mas talvez porque, como dizia uma professora

que tive na minha especialização *“há alunos que aprendem com professor, sem professor e apesar do professor”*, e, como trabalho com os primeiros, isso faz-me sentir útil e torna-se realmente muito compensador para mim.

Depois foi um avançar *“por aí fora”*, sem medo e com vontade de experimentar tudo o que fosse possível: veio o apoio direto a alunos em contexto de sala de aula, veio a Intervenção Precoce, veio a Unidade de Surdos, vieram as salas de dislexia, veio a Equipa de Avaliação da EE e o CRTIC.

Mas, como tudo na vida tem um “se” ou um “mas”, *“lapeada”* a mim neste imenso oceano, nos últimos 8 anos, tem estado a Sr^a Coordenação do Departamento! Aí tudo muda, tudo fica completamente diferente, o encanto, a calma, o sossego e o gozo que o meu pedaço de mar tinha logo se começou a agitar e a transformar em tempestade, em temporal e em *“Cabo de Tormentas”*.

É que eu gosto do meu oceano de trabalho, eu sou daquelas pessoas que, como dizia João dos Santos, *“Fazemos o que gostamos, divertimo-nos imenso e ainda nos dão uns tostões ao fim do mês”*.

Já o *“Cabo das Tormentas”* transformou a minha vida num enorme frenesim, não sei para onde me virar!!! Sinto-me a sufocar, a afundar, a afogar!!!

Sílvia, Sílvia, Sílvia

Qual é a sala? ...

Lê só aqui isto ...

Vê se está bem ...

Qual é a escola? ...

Qual é o código? ...

Preciso de ajuda ...

Tenho um aluno ...
Onde é que ponho? ...
Quantos tempos? ...
Não sei como fazer ...
Em que pasta está? ...
Diz-me só uma coisa ...
Tenho um problema ...
Dá-me a tua opinião ...
Qual é o documento? ...
Onde posso encontrar? ...
O que devo pôr aqui? E ali? ...
Como é que isto se preenche? ...
Como é que faço o meu horário? ...
Posso só fazer uma perguntinha? ...

Calma, conta até 3, ou 5, ou 10, ou 100, e a seguir sorri!!! E...
Vamos lá!!!

Pronto, chega de lamúrias. Porque, como tudo na vida, até o trabalho com esta “*Sr.^a Lapa*” tem partes boas e partes más. As más já passaram! Já não me lembro! As boas são as compensações que tenho no dia-a-dia, os agradecimentos sentidos que recebo, os sorrisos que vejo, a sensação de “dever cumprido” que tenho!

Diariamente, tento fazer com que a vida seja aquilo que eu quero que ela seja e tento valorizar as coisas pequenas, porque assim tudo o que recebo é grandioso.

Esta é a minha postura na vida e por isso sinto-me permanentemente abençoada por Deus, por tudo o que tenho, por tudo o que consigo fazer, por tudo o que sei, por tudo o que

aprendo, por tudo o que dou e por tudo o que recebo.

Aquilo que somos transparece tanto no trabalho como na vida, porque, como um professor do meu curso inicial de Educadora de Infância dizia, “cada um ensina mais com aquilo que é do que com aquilo que aprendeu”.

Sílvia Canha gosta de mar, de passear pela natureza e de jardinagem



Susana Neves. Professora de Educação Especial a desempenhar funções na Equipa Local de Intervenção.

Ser Especial

Todas as crianças são diferentes e especiais. Algumas diferenciam-se pela aptidão por correr, outras pela facilidade em memorizar, pelo riso fácil ou pela tristeza nos olhos. Algumas crianças são tão especiais que se torna um desafio enorme ajudá-las a fazer caminho numa sociedade direcionada para o branco e preto, com pouca abertura para todas as cores do arco-íris.

Iniciei esta caminhada a lecionar Matemática e Ciências a muitas turmas, em grandes escolas. Passei pelo 1.º Ciclo, onde tinha apenas uma turma “só minha”. Foi aqui que me cruzei com alunos tão especiais que não aprendiam as mesmas coisas, nem da mesma maneira, que a maioria do grupo. Precisavam de respostas diferentes!

É este o meu trabalho de cada dia: ajudar os alunos com capacidades especiais a trabalhar as áreas que mais precisam para se sentirem felizes, importantes e capazes de dar o seu contributo para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva e de uma sociedade sensibilizada para o conhecimento e para a valorização da diferença.

Para haver um ambiente inclusivo é fundamental envolver toda a comunidade educativa. Ninguém é feliz sozinho...

Na escola, a convivência entre alunos, com vivências, apetências e características diferentes, acarreta momentos de tensão que podem ser utilizados para ajudar os alunos a tornarem-se mais tolerantes e atentos ao outro, enriquecendo o percurso de cada um.

Os adultos que trabalham na escola devem ser, para os alunos, um “porto seguro”, mesmo quando os alunos parecem não querer segurança e estão mais virados para a revolta. Nós devemos fazer o que nos for possível por escutar, tentar entender, encontrar aspetos a valorizar, para que todos sintam que têm o seu lugar na escola.

É na família e com a família que as crianças vivem as primeiras emoções e iniciam a gestão das suas frustrações. Ao conhecer, apoiar e trabalhar com as famílias, conhecemos melhor os nossos alunos e conseguimos desenvolver estratégias conjuntas que se tornam mais adequadas, úteis e eficazes no seu desenvolvimento emocional, social e académico.

Ser professora de Educação Especial é ter o coração aberto para partilhar a alegria de dar um passo em frente e a tristeza de andar dois para trás. Porque as aprendizagens não são lineares, e pequenas aprendizagens para alguns alunos transformam-se em grandes feitos para outros.

É esta constante procura e partilha de um melhor conhecimento de cada problemática e das estratégias mais adequadas para cada aluno que se torna um desafio diário de um trabalho que nem sempre é fácil. Os momentos de cansaço são facilmente ultrapassados pela simplicidade do sorriso de uma criança!

O arco-íris é especial pelas diferentes cores que aparecem no céu, e não há uma mais importante que as outras. Também as crianças que nos chegam à escola têm diferenças, mas são todas importantes, todas especiais!

Susana neves gosta de ser escuteira, de ler e de passear



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com tinta acrílica



Susana Rosário. Terapeuta da fala.

Ser Terapeuta da Fala e trabalhar em Educação Especial

Desde cedo percebi que queria trabalhar com o Especial. Primeiro pensei que era enfermeira que eu queria ser... E por volta dos 14 anos, o meu sonho era viajar até África e fazer voluntariado ao nível de enfermagem... Sonhos de adolescente!

Depois veio o secundário e, devido ao basquete (outro sonho de adolescente), fiquei imobilizada alguns meses, decidindo que era pela reabilitação/fisioterapia que passava o meu futuro. E assim começou a mexer em mim “um bichinho” para seguir caminho para Alcoitão, para a reabilitação, para a diferença. Assim, lá fui eu para Alcoitão, não tanto para Fisioterapia, porque não consegui, por algumas décimas, mas para Terapia de Fala. Disse logo: «- Senhor Rosário, faço o primeiro ano em TF; se não gostar, no próximo ano, peço equivalência e mudo». O meu pai ficou em pânico, mas lá

acenou que sim. Lá andei a fazer o primeiro ano de TF, primeiro semestre sem muita motivação, muitas cadeiras teóricas horríveis.... Segundo semestre, as cadeiras mais específicas e estágios de observação. Pronto, cheguei à minha praia, pensei. É isto que eu quero! Nasceu em mim este gosto pela comunicação, pelas crianças, pela diferença, pela interação, pelo “a brincar a brincar, também se trabalha”.

No último ano de curso, a fazer licenciatura e a trabalhar num Centro de Reabilitação de Lisboa, percebi que muitos precisavam de terapia de fala, mas não só de TF, precisavam de uma outra família, de um outro contexto.

Deixei Lisboa e rumei ao Porto. Foi breve a minha aventura pelo Norte, pois as condições não eram as ideais. Concorri para a ECAE (Equipa de Coordenação dos Apoios Educativos de Abrantes, Sardoal e Constância), onde avaliava por ano letivo cerca de 200 alunos. Uma experiência de trabalho fantástica, já dentro da escola e de onde ainda recordo, com saudade, alunos e colegas.

Seguiu-se ECAE de Santarém e Rio Maior e agrupamentos de escola também aqui no distrito. Vieram as Unidades (de ensino estruturado; de surdos e, posteriormente, de multideficiência), onde a dimensão de educação diferenciada e adaptada para servir a funcionalidade do aluno surge diariamente. Por esta altura, emergiu também a intervenção precoce no meu horário semanal.

Trabalhar com pessoas especiais é entrar na escola e aprender o que é importante para o outro, é esquecer os nossos problemas e resolver os dos outros. Já há alguns anos por aqui, vou tentando preparar os meus alunos para serem funcionais, para não terem medo de falar, ajudando-os a ultrapassarem os seus medos e as suas dificuldades e a seguirem em frente. Trabalhando em equipa, colaborando com os colegas professores que melhor conhecem os seus alunos, tentando ultrapassar os constrangimentos da vida.

De todos os lugares por que já passei, guardo amigos no coração (colegas ou alunos), pois quando se trabalha com amor fazemos amigos para a vida inteira.

Trabalhar terapia de fala é mais do que trabalhar a articulação verbal, é trabalhar linguagem (compreensão e expressão), é trabalhar motricidade orofacial, é trabalhar deglutição, é trabalhar fluência, é trabalhar autonomia, é trabalhar autoestima. A faixa etária dos nossos alunos/doentes vai do 0 aos 100, pois tanto podemos intervir junto de um recém-nascido prematuro que não faz a sucção adequada, como podemos reabilitar um idoso que passou por uma situação de Acidente Vascular Cerebral (AVC), ficando afásico, e que só verbaliza “porra, porra, porra” (sim, frequentemente eles repetem asneiras, plenamente conscientes da sua incapacidade).

Considero que mais importante do que falar sem erros articulatórios é passar a mensagem, sem medo ou vergonha de se expressar, seja de que maneira for. Adoro aquilo que faço, embora não goste muito de fazer relatórios, mas vou continuar a dar o meu melhor e trabalhar com muito amor!

Susana do Rosário gosta de cozinhar, de girassóis e de moinhos coloridos.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congênita com guache



Tânia Duarte. Professora de Educação Especial.

BÉ BÓ TÁ KI

Começo esta reflexão com imensas saudades dos “meus” meninos numa UEEA, algures por aí. Tive a sorte de trabalhar quatro anos nessa Unidade. Inicialmente, pensei que era um grande azar! Foram vários os episódios inesquecíveis a que assisti e registei. Cada um desses meninos ficou com um bocadinho de mim e eu com tanto deles.

Sinto saudades das birras, do choro, das teimosias, obsessões, sorrisos e até de algumas mordidelas. Tempos bons, repletos de peripécias.

Por vezes, na azáfama da vida e longe da família, a paciência tendia a desaparecer, mas nada que uns beijinhos e tropelias da criançada não superassem.

Recordo-me que um dia, uma terça-feira, eu chego à sala e o

“Quico” estava a chorar. A minha colega apresentava sinais de aborrecimento e exaustão. O “Quico” era um menino muito especial. A linguagem oral era muito limitada, apenas pronunciava algumas sílabas. Quando me dirigi à colega para saber o que se estava a passar, ele levantou-se, agarrou na mala da colega, esticou a mão para lhe entregar a mala e gritou bem alto: “BÉ BÓ TÁ KI!” (Anabela, vai embora, a Tânia está aqui). Ficámos sem palavras. Pois o “Quico” que só sabia chorar, nunca queria fazer nada, reagiu, pela primeira vez. Fiquei rendida e percebi que, afinal, o “Quico” sempre esteve connosco.

O episódio, entre muitos outros, que me marcou profundamente foi o do “Francisco” (outro menino com PEA). Também ele passava horas a olhar para o vazio. Apenas reagia com gargalhadas, quando ouvia o “Quico” a chorar. Adorava ver pessoas a chorar. Nessa altura, a minha mãe estava doente e, quando os colegas perguntavam sobre o seu estado de saúde, e se me visse a chorar, ele ria à gargalhada. O tempo foi passando e o “Francisco” continuava sempre igual a si próprio. Estive ausente uma semana, pelo falecimento da minha mãe. No dia em que regressei à sala, perdida por não saber se iria ter arcaboço para continuar na UEEA, o “Francisco” chegou. O dia correu bem. Ao fim do dia, a mãe do menino vem à Unidade dar-me uma palavra de conforto e coragem para enfrentar a vida. Falámos e chorámos as duas. O “Francisco”, sentado no seu lugar, sem rir, em silêncio. Quando se levantou, deu-me um abraço e colocou a sua mãozinha no meu peito. Eu e a mãe ficámos paralisadas, sem saber o que dizer. Quanto não valeu aquele abraço tão sincero?

Percebi que o trabalho que estava a ser feito não era em vão. Persistir e nunca desistir eram as palavras de ordem daquela Unidade. Uma pessoa que procura crescer tenta sempre melhorar o que consegue fazer.

O impossível incomoda-me e não gosto de ser vencida pelo que é difícil. Incomoda-me, desassossega-me. Há um caso em que não consegui mudar o rumo da história, nem um pedacinho. Um pai que não se aproximava do filho, porque sentia que o filho era um estranho. Numa perspetiva egoísta e egocêntrica, sinto-me bem se

conseguir fazer alguém sentir-se melhor. E com o Senhor “Matias” não consegui.

Há assuntos que teimam em manter-se quase iguais. A deficiência do outro é uma delas. Ainda custa perceber que uma pessoa portadora de deficiência possa ser eficiente. Quando é que vamos conseguir olhar para lá do embrulho?

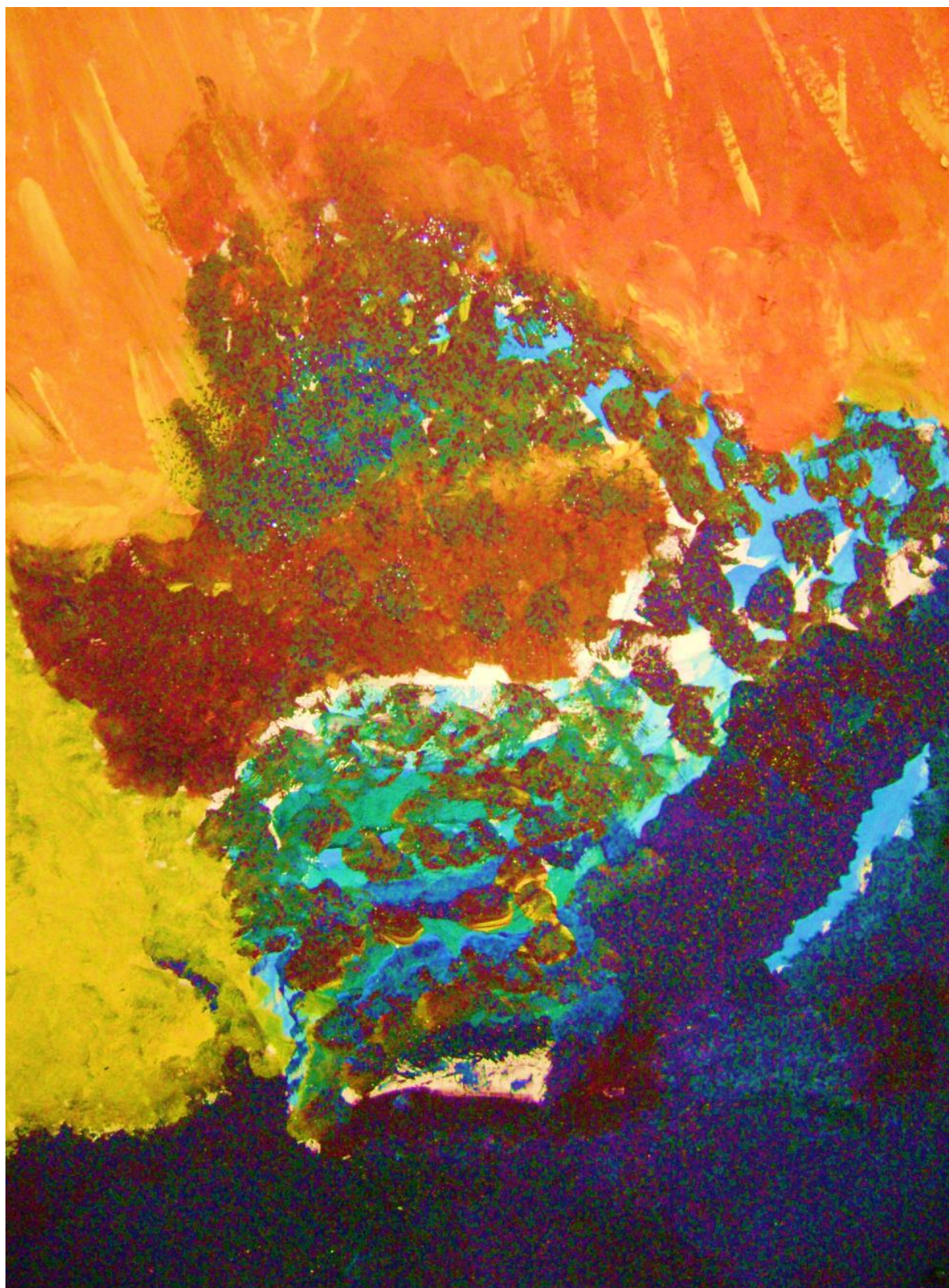
“Rigor” é uma palavra fundamental. E um professor de Educação Especial não é um professor de apoio sócio educativo, nem um “médico de família” do Ministério da Educação, que transpõe para um papel, em modo de medida educativa, as indicações do relatório médico do aluno.

Questiono-me se a diferença impõe necessariamente o inferior e o superior? Se é possível sentir a diferença ou ser diferente, sem sentir diferença nenhuma? Penso que não é por aí. Somos diferentes em tudo e começa no ADN. Somos únicos e diferentes.

Acredito que enfrentar a diferença não é para todos. Há quem supere e não se resigne. Acredito que cada um de nós tem de fazer o seu melhor. Os alunos são os grandes beneficiados.

Começa e acaba quase tudo assim, com uma pergunta. Vale a pena a devoção que esta profissão, que considero particularmente nobre, exige? Por vezes, fico a pensar se não poderia ter feito mais e melhor. É uma dúvida que fica e, por vezes, atormenta. Mas quando me perguntam se mudaria o meu trajeto? Claro que não, estou a gostar da viagem...

Tânia Duarte gosta da família, de gatos e do mar.



Atividade elaborada por aluno da unidade de apoio à multideficiência e surdocegueira congénita com tinta acrílica



Vânia Bernardino. Professora de Educação Especial.

Educação Inclusiva

O conceito de educação inclusiva surgiu em 1994, com a Declaração de Salamanca.

As escolas teriam de se adequar a todas as crianças, passando a integrar crianças e jovens com necessidades educativas especiais no ensino regular, proporcionando assim a mesma igualdade de oportunidades e conduzindo ao conceito de escola inclusiva.

Para Sassaki, a inclusão social é a forma através da qual a sociedade se adapta para poder incluir, nos seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, essas pessoas também se preparam para assumir os seus papéis na sociedade. É necessário responder às necessidades individuais de cada membro da sociedade, tendo-os como parceiros na discussão de problemas e na procura de soluções.

A escola inclusiva deve integrar todas as crianças, independentemente da sua condição física, social ou intelectual, e deve possuir respostas individualizadas para cada problemática, havendo assim diferenciação pedagógica e uma verdadeira inclusão.

Incluir significa respeitar as diferenças utilizando métodos distintos que possam dar resposta a diferentes necessidades.

Segundo o mesmo autor, a inclusão é entendida como a modificação da sociedade, quer nos espaços físicos e nos meios de transporte, quer na mentalidade, sendo esta uma condição essencial para se exercer cidadania.

Para muitos, a expressão «educação inclusiva» é inúmeras vezes associada a necessidades educativas especiais.

A inclusão deve ser para todos e não apenas para um determinado grupo. Deve contemplar um vasto conjunto de estratégias e atividades que visam uma melhor integração, superando barreiras na aprendizagem e na participação. A escola tem de se ajustar às necessidades individuais de cada um, e não o contrário.

A atitude de todos os profissionais, a existência de recursos humanos e materiais são condição essencial na promoção de uma educação inclusiva.

Este conceito deve ser mais amplo do que a escolaridade, deve ser o reflexo de uma variedade de locais e de abordagens, indo ao encontro de uma sociedade que saiba aceitar, acolher a diferença e promover a igualdade.

“A sociedade que exclui é a mesma sociedade que inclui e integra, que cria formas também desumanas de participação, na medida em que delas faz condição de privilégios e não de direitos”, Martins (2002).

A inclusão é um processo em constante movimento, que depende da reflexão e mero contributo de cada um de nós, membros de uma sociedade que se denomina “inclusiva”.

Vânia Bernardino gosta de praia, de ouvir música e de andar de bicicleta.

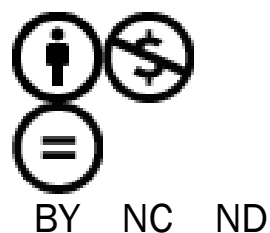
Este livro surge no âmbito da Comoração do Dia Internacional das Pessoas com Deficiência e da vontade dos integrantes do Departamento de Educação Especial em assinalarem essa data.

Foram convidados a colaborar todos os docentes deste Departamento que durante o ano de 2017 exerceram funções no nosso Agrupamento.

Considerámos que também os técnicos do Centro de Recursos para a Inclusão e os Assistentes Operacionais que colaboram ativamente com os docentes para minorar as dificuldades dos alunos deveriam ser envolvidos neste projeto.

Optámos ainda por entrevistar quatro alunos que frequentam a Unidade da escola sede do Agrupamento, que não podiam ser esquecidos num livro que procura recolher contributos de diversos participantes nas dinâmicas de inclusão que procuramos efetivar na nossa prática educativa.

Procurámos enriquecer a obra com materiais produzidos por alunos e com fotografias dos autores dos textos.



Atribuição – Uso Não-Comercial – Proibição de Realização de Obras Derivadas

Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano
Quinta do Mergulhão - Senhora da Guia
2005-075 Santarém
Portugal
<http://www.ae-alexandreherculano.pt>

2017